



Periodicos
EDITORA ACADÊMICA



**APLICAÇÕES EMERGENTES
DA MEDICINA QUÂNTICA
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Dra Zaika Capita



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA



**APLICAÇÕES EMERGENTES
DA MEDICINA QUÂNTICA
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Dra Zaika Capita

Conselho Editorial

Abas Rezaey

Izabel Ferreira de Miranda

Ana Maria Brandão

Leides Barroso Azevedo Moura

Fernado Ribeiro Bessa

Luiz Fernando Bessa

Filipe Lins dos Santos

Manuel Carlos Silva

Flor de María Sánchez Aguirre

Renísia Cristina Garcia Filice

Isabel Menacho Vargas

Rosana Boullosa

Projeto Gráfico, editoração, capa

Editora Acadêmica Periodicojs

Idioma

Português

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A642 Aplicações emergentes da medicina quântica revisão bibliográfica. / Zaika
Capita– João Pessoa: Periodicojs editora, 2024.

E-book: il. color.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-65-6010-098-5

1. Medicina. 2. Revisão bibliográfica I. Capita, Zaika. II. Título.

CDD 610

Elaborada por Dayse de França Barbosa CRB 15-553

Índice para catálogo sistemático:

1. Medicina: 610

Obra sem financiamento de órgão público ou privado. Os trabalhos publicados foram submetidos a revisão e avaliação por pares (duplo cego), com respectivas cartas de aceite no sistema da editora.

A obra é fruto de estudos e pesquisas da seção de Teses e Dissertações na América Latina da Coleção de livros Estudos Avançados em Saúde e Natureza



Filipe Lins dos Santos
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs

CNPJ: 39.865.437/0001-23

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil
website: www.periodicojs.com.br
instagram: @periodicojs

Prefácio



O trabalho intitulado “Aplicações emergentes da medicina quântica revisão bibliográfica” é resultado de pesquisa produzida pela pesquisadora Zaika Capita Freitas Couto. A publicação deste livro pela Editora Acadêmica Periodicojs se enquadra no perfil da produção científica produzida pela editora, que busca valorizar diversos pesquisadores através da publicação completa de suas pesquisas.

O trabalho está sendo publicado na seção Dissertação e Tese Latino-Americana. Esta seção pretende dar visibilidade aos pesquisadores da região latino-americana através da publicação de trabalhos autorais e trabalhos organizados por professores e pesquisadores desta região, a fim de abordar vários temas relacionados e mostrar a grande variedade temática e cultural dos países que compõem a América Latina.



Este trabalho escrito pela pesquisadora apresenta um estudo aprofundado sobre a medicina quântica e suas aplicações, possibilitando assim, uma clareza acerca da contribuição que essa medicina pode trazer para a saúde de todos.

Filipe Lins dos Santos

Editor Sênior da Editora Acadêmica Periodicojs



Sumário



INTRODUÇÃO

8

Capítulo 1

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

17

Capítulo 2

MEDICINA QUÂNTICA (MQ)

42

Capítulo 3

FÍSICA QUÂNTICA

58

Capítulo 4

MEDICINA QUÂNTICA INTEGRAL E MEDICINAS
SUTIS

70



Capítulo 5

MEDICINA ORTOMOLECULAR

83

Capítulo 6

RADICAIS LIVRES

93

Capítulo 7

ESTRESSE OXIDATIVO

103

Capítulo 8

HOMEOPATIA E HOMEOPATIA QUÂNTICA

108

Capítulo 9

HOMEOPATIA QUÂNTICA

117

Considerações finais

137

Referências Bibliográficas

146

7





INTRODUÇÃO

A Medicina Quântica (MQ), regularmente conhecida como medicina mente- corpo, é constituída como um método ontológico pautado em uma interpretação abrangente do indivíduo. Um princípio fundamental para a MQ é a percepção de que o indivíduo está em constante interação com seu ambiente. Esta concepção concebe o universo como uma interligada rede energética vibratória, influenciada por pacotes de energia, os quanta, e permeada por uma ressonância conhecida como coerência.

As renovações dos paradigmas vigentes, a incorporação de uma nova visão acerca da natureza humana e o reconhecimento da organização inerente ao nosso universo constituem elementos cruciais para a assimilação do método terapêutico utilizado na Medicina Quântica. Dentro deste contexto quântico, atribui-se um papel fundamental a cada célula, molécula e elétron. No contexto desta visão universal, onde imperam ordem e harmonia, cada ser humano, animal, célula e molécula são componentes intrínsecos da ordem vibratória implícita do universo, designada como coerência vibratória.



Em linha com os princípios da Medicina Quântica, a doença emerge quando um organismo não consegue manter harmonicamente suas funções vitais. Essa disfunção pode manifestar-se em qualquer tecido ou órgão, fundamentando a ideia de que cada indivíduo desenvolve uma doença única com sintomas característicos.

Pode-se inferir, assim, que a perda de ordem acarreta também a perda da capacidade de manter a saúde. O sistema terapêutico utilizado pela MQ, fundamentado na absorção de energia, permite que os processos biológicos recuperem seus níveis energéticos normais, criando condições favoráveis para a recuperação da saúde e reestabelecimento de uma certa ordem, para que células e moléculas possam otimizar sua memória para um funcionamento ordenado e eficiente.

A nova visão do ser humano, na qual tudo é interpretado como energia manifesta-se de várias formas, é o alicerce para o desenvolvimento da medicina quântica. A terapia quântica exige do médico ou terapeuta a capacidade de identificar as ressonâncias patológicas de cada doença



e realizar uma aplicação adequada de fótons. Isso faz com que todas as células se alinhem no mesmo eixo vibratório, possibilitando a harmonia de toda a estrutura física, como uma totalidade unificada.

Ao discorrer sobre o sistema terapêutico utilizado pela medicina quântica, é importante salientar que este é composto por um equipamento gerador de energia, cuja unidade é chamada quantum de energia. Este é capaz de penetrar na massa orgânica, desencadeando processos de repolarização e ressonância de acordo com a condição do paciente a ser tratado, criando assim as condições adequadas para que as disfunções sejam minimizadas e a doença seja combatida.

Quanto à base científica, a medicina quântica fundamenta-se em uma teoria física que, para descrever as propriedades dinâmicas das partículas subatômicas e as interações entre a matéria e a radiação, utiliza o conceito de unidade quântica.

As técnicas da MQ foram projetadas para unificar o núcleo do sistema corpo- mente. Nesse núcleo se inicia o



processo de cura e, para acessá-lo, é preciso transpor os níveis mais elementares do corpo, ou seja, células, tecidos ou órgãos, até chegar ao ponto de encaixe entre matéria e mente. Em outras palavras, os estímulos quânticos recordam às células sua função original, tal como se encontra concebida no corpo mecânico quântico.

A MQ corrige os erros de significado mental, possibilitando resolver a impressão vital que retém o fluxo de energia essencial. Isso se traduzirá em um restabelecimento da inter-relação das unidades energéticas, equilíbrios nos vetores de luz, recuperação dos programas morfogenéticos e normalização do fluxo de energia vital.

Se isto for realizado por um especialista, é indiscutível a possibilidade de recuperar as funções dos órgãos internos. A saúde pode ser recuperada, a menos que interfira alguma nova situação que provoque um desequilíbrio energético e altere novamente os programas morfogenéticos do corpo quântico.

A ação terapêutica da medicina quântica costuma manifestar-se em todo o organismo. Contudo, deve-se res-



saltar que possibilita uma ação mediante dispositivos focalizadores naquelas áreas do corpo que realmente necessitam.

É importante considerar que a aplicação da terapia desenvolvida pela medicina quântica não resulta agressiva nem traumática, visto que simplesmente o paciente se encontra deitado em um leito, experimentando uma sensação de bem estar geral, devido ao efeito de relaxamento e harmonização que o referido tratamento produz.

As teorias quânticas aplicadas nas distintas áreas do conhecimento humano já evidenciaram ser categoricamente úteis, sobretudo no campo da saúde, no qual é possível utilizar esse conhecimento para terapias naturais, sempre objetivando a melhora do indivíduo, com o máximo de benefícios, praticamente sem efeitos adversos, empregando as energias da natureza em favor da saúde, constituindo, portanto, no objetivo dos peritos em saúde quântica, analisarem as respostas ou defesas do organismo concernentes a estes elementos ou a agressões físicas, psicológicas, de estresse etc. elaborando os melhores tratamentos para o aprimoramento da saúde dos seus pacientes.



Nesta tendência são vários os tratamentos alternativos utilizados como complemento, p. ex., a homeopatia e a acupuntura costumam ser disciplinas bastante utilizadas na Medicina Quântica Integral (MQI), embora apenas desempenhem a função de tratamentos complementares.

De qualquer forma é importante destacar o fato que esta disciplina médica trabalha a níveis subatômicos nos quais se encontram partículas denominadas quantum de luz, que se encarregam de conduzir a energia através dos meridianos localizados em nosso corpo.

A MQI compreende uma nova forma de entender as enfermidades às quais o ser humano se encontra exposto, com a finalidade de completar um processo de cura no qual se apóiam cristais sobre a área afetada para alcançar uma alimentação energética balanceada, e é importante considerar que neste caso, a MQI conta com diferentes cristais que servem para tratar enfermidades específicas.



OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é a organização das informações disponíveis sobre a Medicina Quântica, principalmente seus principais aspectos, visando estabelecer a importância de sua utilização e fornecer subsídios para que possa ser empregada nas mais variadas situações da prática clínica. Considerar o emprego dos conhecimentos da medicina quântica nos vários campos de atendimento à saúde, enfatizando a Medicina Ortomolecular e a Homeopatia. Analisar informações que indicam suas características complexas, que exigem dos profissionais de saúde o conhecimento necessário para identificar seu papel coadjuvante promissor, visando um resultado mais eficiente.

METODOLOGIA

Foi realizado um levantamento da produção científica (artigos e livros) acerca do conceito de terapia quântica, suas bases, o impacto sobre a saúde e a enfermidade e suas



aplicações clínicas, nas bases de dados eletrônicas: Scholar Google, Biblioteca Virtual de Saúde – BVS, tendo como bases de dados consultadas: Scientific Library Online – SCIELO e o site < www.gov.br/saude/pt-br>, do Portal da Saúde, Ministério da Saúde (MS). Para tanto foram utilizados os seguintes descritores: medicina quântica, física quântica, medicina ortomolecular, homeopatia.





Capítulo 1

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Segundo Olszewer (2013) o progresso da medicina como método teve princípio com a medicina sacerdotal, que tinha por objetivo o organismo no concernente ao sistema orgânico, particularmente, seguida pela medicina sistêmica, que tem por finalidade as células, e partindo para a medicina bioquímica que se preocupa com as moléculas, passando à medicina Ortomolecular, que atende aos mecanismos moleculares e atômicos (átomos), até chegar à medicina genética, que traduz a informação contida nos genes e procedendo para a medicina Ortonuclear, que se ocupa de fatores relativos a átomos apresentando uma proposta holística, quer dizer, abrange todo o conhecimento alcançado nesta caminhada, visando uma síntese de todo esse conhecimento. A mais popular e empregada atualmente é a medicina tradicional (MT) que, na sua essência, constitui-se em uma medicina ortosistêmica, que como o nome refere, entende o organismo como um sistema, no qual seus componentes orgânicos e estruturais devem comportar-se com equilíbrio, como um todo harmonioso. A MT origina eventuais adentramentos aos mecanismos celulares, utilizando,



para isso, métodos de prospecção especiais, concernentes às ciências secundárias como a biologia e a bioquímica que, por seu turno, apela para métodos de laboratório.

A segunda concepção atualmente em evidência refere-se à medicina Ortomolecular (biomolecular) que, por sua vez, tem como finalidade de estudo as moléculas de elementos orgânicos que se estruturam nas células. É uma forma de conceituação médico-terapêutica cujo nível de interesse situa-se evidentemente nos mecanismos intracelulares, área de maior estratificação etiopatogênica, ou seja, os males que alcançam as células, os tecidos e órgãos (interesses da MT) se originam nas moléculas dos elementos que se encontram em biodisponibilidade na célula em particular, e que foram absorvidos pelo organismo de fontes externas através de meios nutricionais ou por contaminação ambiental. Esta concepção médico- terapêutica se encontra muito mais próxima das “causas” do que a sua predecessora, a MT. A MO faz eventualmente prospecções em nível atômico e suas pesquisas possuem “adentramento ao nível atômico”. Logo em seguida ao analisar uma questão qualquer



nesse nível, retorna prontamente à sua esfera de trabalho, que é o equilíbrio das funções bioquímicas e moleculares, com o combate por meio de métodos nutricionais característicos a mecanismos destrutivos tais como produtos decorrentes de oxidação de substâncias ativas como radicais-livres, uma decorrência direta do metabolismo celular.



Figura 1. Medicina Ortomolecular. Garantir o equilíbrio do corpo com substâncias naturais é a proposta da Medicina Ortomolecular. Fonte: <<http://farmaciamañana.com.br/medicina-ortomolecular/>>



Chopra (2009) define que a Medicina Ortomolecular se interessa pelo papel desempenhado nas células pelos complexos organometálicos transferidores de carga e, sobretudo, na ação dos elementos que os compõem através dos seus campos oscilacionais. Em conformidade com o autor, os complexos organometálicos constituem conjuntos formados por uma enzima, um metal e um substrato celular (um ribossoma) que similarmente de um transistor transfere energia ao conjunto, empregando como veículo os elétrons orbitais. A energia transferida é oscilacional e é absorvida por ressonância física.

A terceira concepção moderna médico-terapêutica, segundo Wayne (2005), é denominada Medicina Quântica Integral (MQI), decorrente do seu emprego da física- quântica como método e instrumento de análise dos problemas orgânicos. Tal concepção científica apresenta conceitos próprios e, naturalmente, estes conceitos implicam na modificação de conceitos anteriores relativos a várias funções orgânicas atualmente conhecidas de forma mais estrutural e mais profunda. A MQI fundamenta-se em uma teoria



completa e definitiva: a teoria quântica ou mecânica-quântica. Tal fundamentação empresta a MQI status de medicina exata, propriedade esta, relativa às Ciências que incorporam a Matemática como método analítico.

A Saúde Quântica oferece uma visão mais ampla quando se pergunta: “o que é o ser humano e o que é a doença?” Sob esta ótica o indivíduo não desempenha mais o papel de agente passivo em seu tratamento, pelo contrário, sua atitude e postura diante da doença é algo determinístico para o seu processo de cura, e o médico passa a ser um facilitador do processo, que culminará com o salto quântico criativo e a cura. Segundo Xavier (2012) a doença passa a ter uma conotação bem diferente na saúde quântica. Ela é vista como um agente que busca reorganizar e equilibrar o organismo, sendo um sistema de adaptação deste organismo a estímulos anômalos ambientais, conflitos e modificação da energia vital. A doença é vista como um caminho para a cura holística, um caminho para nosso próprio despertar pessoal e espiritual.

É deste modo, em nossa atualidade, a concepção



mais perfeita de uma ciência que estuda e entende a vida orgânica como manifestação sistêmica ao nível de um ecossistema de um corpo celeste, abarcando, portanto, a todas as ciências subsidiárias, indo da física de Descartes e Newton à de Niels Bohr e Einstein. Contudo, nem por isso, a MQI se constitui numa verdade maior, entretanto uma verdade complementar que coloca o conhecimento dos micro-mecanismos inerentes às funções vitais, ao alcance dos médicos de um modo geral, oferecendo-lhes uma visão mais exata e perfeita do ser orgânico. A MQI utiliza métodos próprios de prospecção, diagnóstico e terapia, não obstante se valha dos métodos tradicionais, agora sob uma ótica subsidiária ou complementar.

Não obstante bilhões de dólares alimentem o sistema de saúde moderno, os indivíduos não parecem mais saudáveis – ao contrário. A medicina moderna não apresenta um bom histórico com doenças crônicas visto que estas são mais complicadas, diversas e imprevisíveis, e não se encaixam na abordagem mais linear da medicina moderna, que requer padrões que seguem as regras estabelecidas. Por



esta razão, nossa forma atual de medicina tem problemas com muitas doenças, mesmo aquelas que são comuns como o resfriado.

Apesar de muitos avanços tecnológicos na área da medicina convencional, algumas deficiências vem se revelando ao longo do tempo. Um exemplo claro disto são as doenças crônicas e degenerativas, em que a medicina tradicional não dispõe de um modelo efetivo, sendo seus procedimentos muitas vezes considerados invasivos e com muitos efeitos colaterais para os pacientes (Goswami, 2006). Tem-se ainda outro fator agravante que é o fato de ser uma medicina que faz uso, muitas vezes, de tratamentos dispendiosos. Ainda outro item importante a ser considerado é a existência de curas espontâneas de doenças como o câncer que não tem explicação pela medicina tradicional (Goswami, 2006).

Xavier (2012) refere que a Medicina constitui uma das áreas que vem aproveitando amplamente os progressos tecnológicos viabilizados pela base teórica dos conceitos quânticos. Sem a base teórica do salto quântico, p. ex., o la-



ser não seria viável. A ressonância magnética (RM) é outro exemplo de tecnologia empregada nos diagnósticos médicos, atuando num nível muito sutil da composição da matéria. O spin de partículas subatômicas de nosso corpo entra em ressonância com o campo eletromagnético emitido pelo aparelho. Assim sendo, a informação enviada por estas partículas em forma de quanta (plural de quantum) de energia converte-se em uma imagem trazendo uma visão detalhada do órgão examinado.

A medicina do corpo e da mente intranqüiliza muitos médicos, porquanto, de acordo com Chopra (2009) os mesmos a consideram mais um conceito do que um campo verdadeiro. Se possível optar entre a nova idéia e a química familiar, certamente preferirão a segunda: penicilina, digitálicos, aspirina etc. não requerem nenhum conceito novo do indivíduo (ou do médico) para fazer efeito. O problema passar a existir quando a química não funciona. Refletindo sobre a teoria dessas possibilidades, Chopra passou a buscar uma explicação para a auto-cura, concluindo que alguns indivíduos se restabelecem em razão da sua capacidade de



ativar uma faculdade de percepção interior que age como um salto drástico (salto quântico) no mecanismo da cura.

Assim como propõe Goswami (2006), a Teoria Quântica pode ser interpretada dentro do primado da consciência, onde a consciência é a fonte da Causação Descendente. Tanto a mente como o corpo são possibilidades da Consciência.

Penha e Silva (2009, p. 212) referem que,

Para a teoria quântica, a realidade é criada a partir de um mecanismo chamado de efeito observador, o qual determina que o mundo depende de você e daquilo que você comunica a outras pessoas. Ele também depende daquilo que você acredita que é real.

Goswami (2006, p. 25) alega que, nesses casos, “um pensamento, uma emoção ou uma crença” pode ser a mola propulsora do processo de cura. Ainda de acordo com o autor, a medicina encara o paciente como uma máquina, assim como considera igualmente os remédios, cirurgias,



transplantes de órgãos e radiações. A proposta da Medicina Quântica é considerar o paciente como pessoa, contudo essa perspectiva não dispensa os benefícios da medicina convencional, apenas ultrapassa seus limites.

Mattos (2007) define a Medicina Quântica Integral (MQI) como um conjunto de procedimentos diagnósticos e terapêuticos devidamente metodizados que, atuando de forma “física” (no sentido de não química) impede ou dificulta profílicamente o desenvolvimento de um terreno biológico favorável à instalação de processos degenerativos e que, quando usado como método terapêutico, promove a restauração do sistema orgânico de modo eficiente, restituindo o estado de saúde relativa individual. A MQI aplicável à medicina encontra-se estruturada nas bases da física moderna, sobretudo na teoria dos campos unificados. O autor relata que:

O ser orgânico não é eterno e não pode produzir-se ou regenerar-se indefinidamente embora hoje em dia seja possível através de recursos complexos e de difícil aplicação estender a vida humana a limites mui-



to maiores dos que os comumente aceitos. Devido às limitações hoje admitidas como definitivas e consoantes com a individualidade das pessoas, acaba sucumbindo às leis da própria natureza, com respeito à absorção de energia, sua conservação e aproveitamento. Com o tempo, minimiza-se ou desaparece a capacidade de auto- subsistência e então, o organismo termina por sucumbir e desaparecer (2007, p. 62).

Lima (2013) refere que a perspectiva da Saúde Quântica é a de que precisamos validar uma nova cultura em saúde, visto que a cultura atual possui como foco as doenças e a supressão dos sintomas, conservando intactas as suas causas. Para tanto, é preciso entender que vivemos num universo no qual tudo é energia, que possui uma qualidade vibracional associada a sua frequência. Um alimento com agrotóxico, p. ex., encontra-se em desequilíbrio em termos de energia e frequência, porquanto possui substâncias tóxicas prejudiciais ao nosso organismo. O mesmo ocorre com os produtos industrializados que possuem substâncias químicas como conservantes, corantes etc. No paradigma



da MQ, o ser humano não é encarado como um refém dos males que padece, mas como alguém capaz de se responsabilizar pela própria saúde e bem-estar. A doença, nesse contexto, seria somente uma oportunidade de autoconhecimento.

Goswami (2006) refere que, contrastando com a medicina tradicional, existem diversos tipos de medicinas alternativas, fundamentadas em filosofias diversas. Enquanto a medicina tradicional se baseia em uma filosofia materialista, a medicina alternativa não tem uma filosofia definida, constituindo, por isso, a maior dificuldade para que seja encarada com seriedade pelo meio acadêmico. Neste contexto, surge uma nova medicina, reunindo todos os modelos de cura sob um novo paradigma, que é a Medicina Integral, fundamentada na física quântica.

Goswami (2010) argumenta que unir ciência e espiritualidade, exterior e interior, é penetrar no universo das soluções verdadeiras para os grandes desastres sociais e ambientais que se vivencia na atualidade, como a fome, a miséria e as mudanças climáticas. Na prática, a nova me-



dicina contribui para o fortalecimento das muitas terapias curativas já conhecidas, como a acupuntura, homeopatia, terapias florais, Reiki, medicina oriental (chinesa e ayurvédica), sem falar das inúmeras pesquisas que procuram comprovar o poder da mente, sobretudo das fundamentadas na medicina psicossomática e na medicina mente-corpo.

Interações Com o Ser Humano

Mattos (2007) refere que são os seres humanos objetos materiais compostos por substâncias que oscilam em fase, ou seja, os átomos, as moléculas, as células, os tecidos e por fim os órgãos apresentam oscilações e vibrações em frequência básica e fundamental, que é a do Cobre (Cu).

Para Kurtzweil e Grossman (2007), o ser orgânico não é eterno e não possui a capacidade de reproduzir-se ou regenerar-se de modo indefinido, não obstante atualmente seja admissível por meio de recursos complexos e de difícil aplicação, prolongar a vida humana a limites muito maiores dos que os habitualmente aceitos. Em razão das limitações



atualmente admitidas como definitivas e consoantes com a individualidade das pessoas, acaba cedendo às leis da própria natureza, concernente à absorção de energia, sua conservação e aproveitamento. Com o tempo torna-se mínima ou desaparece a capacidade de auto-subsistência e então, o organismo acaba por sucumbir e desaparecer.

Realmente, o que ocorre, segundo Mattos (2007), é que no decorrer do tempo, aparece no organismo (então já afetado por certo grau de incompetência) um mecanismo de “rejeição a si próprio”, uma espécie de enfermidade auto-imune que inevitavelmente se desenvolve, obstando ou impedindo de paulatina e irreversivelmente o funcionamento dos sistemas regenerativos, que desse modo vão gerando o envelhecimento do organismo como um todo, e sobretudo, de algumas das estruturas mais sensíveis.

De acordo com o autor, a velhice biológica decorre de uma série de fatores, sobrepostos a uma falência orgânica que vai se generalizando no sentido das carências de meios de sobrevivência. Percebe-se, entre esses fatores, uma reação do sistema imunológico às ingerências exter-



nas, que provoca no organismo uma autodefesa que se pode distinguir como uma produção de auto “anticorpos”.

Desse modo, aliada a fatores decorrentes de uma programação genética que institui um “tempo” determinado de sobrevivência auto-regenerativa (50 replicagens, segundo pesquisas de Hayflick), o aparecimento de um mecanismo auto-imune que objetiva a destruição do organismo é igualmente o desencadeamento de um processo no qual a entropia requer a reintegração do organismo ao macro-sistema sob a forma de “energia em potencial”, ou seja, a decomposição de um sistema complexo instável em elementos estáveis. Contudo, tudo parece sugerir a existência de uma probabilidade de retardamento do processo auto-destrutivo ou incapacidade auto- mantenedoura, regenerativa, visto que já se conhece, ao menos em parte, o que se passa no organismo no decorrer do processo de envelhecimento. Sabe-se, p.ex., que a origem desse processo degenerativo é externa ao ser orgânico e tem por fundamento etiogênico a proliferação de campos parasitários interagentes no âmago da matéria, objeto específico de estudo da Física Quântica.



Tais campos, que são eletromagnéticos, surgem e se difundem em decorrência de processos macrofísicos naturais (telúricos e cósmicos) e presentes na natureza devido a ocorrências eventuais favoráveis. Em outras oportunidades, como decorrência de seu progresso tecnológico, por meio do manejo técnico de energia criada ou transferida.

Teoria dos Campos

A Teoria dos Campos, de acordo com Zee (2010), descreve a interação entre as ondas e as forças efetivas entre partículas elementares. Contudo, quando se trata de descrever tais partículas ou as estruturas microscópicas do mundo, as teorias clássicas fracassam. As teorias clássicas dos campos descrevem fenômenos em larga escala.

Ainda segundo o autor, quando a escala è microscópica apela-se para as teorias quânticas dos campos. De acordo com tais teorias, o comportamento da partícula em si mesma e o “quantum” do campo por ela originado é descrito e estudado da mesma forma. Dá-se uma enorme im-



portância ao eletromagnetismo porquanto dele procede a maior parte da energia criada para a satisfação das necessidades industriais; contudo, apenas recentemente entendeu-se que tal fonte de energia geradora de campos eletromagnéticos de grandeza variável, que é ao concomitantemente expressiva do progresso e inteligência humanos, possui um enorme potencial destrutivo e degenerativo com relação aos organismos em geral.

Trata-se de um conceito básico na MQI que assim como o eletromagnetismo é uma ameaça à vida, o magnetoelétrismo é o seu oposto, ou seja, mantenedor da vida. Contudo, pouca ou nenhuma atenção se tem destinado ao estudo das forças magnetoelétricas, visto que tais estudos procederiam, como se pode deprender, numa explosão menos agressiva dos recursos tecnológicos e industriais, derivando em prejuízos financeiros.

Os campos elétricos e eletromagnéticos possuem teorias às suas forças de atuação e repulsão dos objetos carregados eletricamente ou magnetizados. Esses campos elétricos e magnéticos são na verdade manifestações de um



mesmo campo: o eletromagnético.

Mattos (2007) relata que Maxwell demonstrou igualmente que num espaço no qual existam variações do campo magnético, um campo elétrico deve existir e vice-versa, portanto, a existência de um campo elétrico evidencia a existência de um campo magnético. Dessa forma, esses campos se somam e interatuam, gerando no transcurso de um lapso de tempo (entre instantâneo e infinito) a superposição de duas ondas, derivando daí uma terceira onda possível, que por interferência física (ressonância) altera e intensifica reações físico-químicas no organismo atingido. O efeito é a destruição do organismo por meio do desenvolvimento dos problemas já aludidos. Não obstante a presença constante dos campos elétricos e magnéticos nos ambientes biológicos, nos quais a vida orgânica se manifesta e se reproduz, a ação de tais campos é deletéria e incompatível com a vida orgânica, e sua ação é insidiosa e imperceptível na maior parte das vezes.

Na atualidade, inúmeros cientistas dedicam tempo e espaço, além de muito dinheiro, à pesquisa sobre a ação



de campos eletromagnéticos nos organismos humanos. À medida que os estudos seguem, vão surgindo novas revelações que evidenciam tal ação.

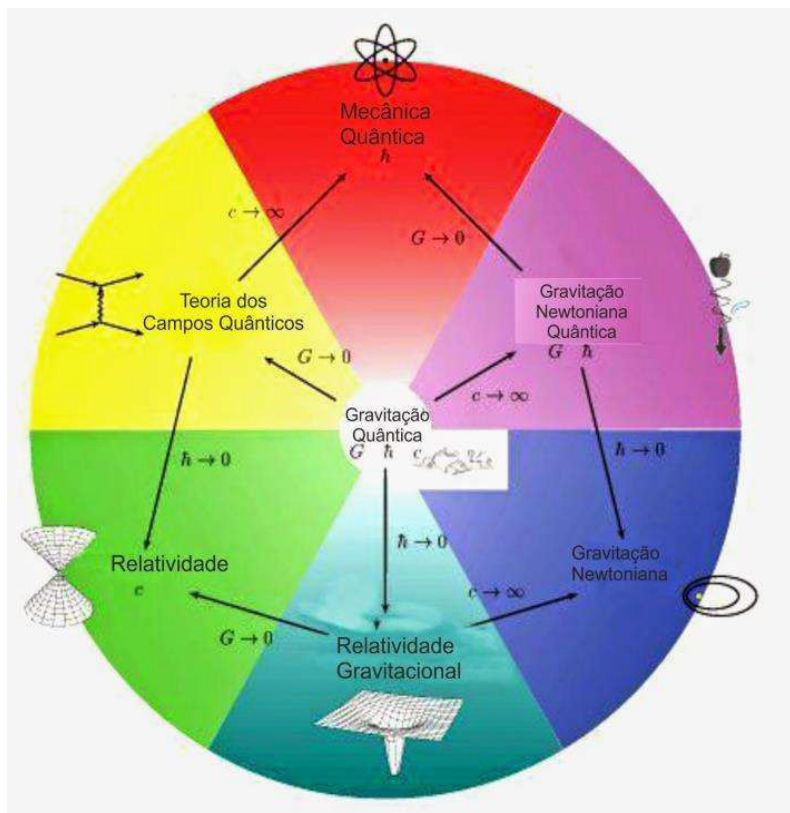


Figura 2 – Gravitação Quântica: Teoria dos Campos Quânticos. Fonte: <<http://www.misteriosdouniverso.net/2015/03/em-busca-de-teoria-de-tudo-o-que-e.html>>



A gravidade quântica é um termo geral para teorias que tentam unificar a gravidade com as outras forças fundamentais da física (que já estão unificadas em conjunto). Geralmente postula uma entidade teórica, um gráviton, que é uma partícula virtual (partículas que aparecem e desaparecem no cenário quântico) que medeia a força gravitacional. Isso é o que distingue a gravidade quântica de certas outras teorias do campo unificado, não obstante, em justiça, algumas teorias que são normalmente classificadas como gravidade quântica, não necessariamente exige um gráviton. A teoria da gravidade quântica é também uma grande unificação de todas as interações conhecidas é por vezes referida como uma teoria de tudo (TOE – da sigla em inglês).

Transcrevemos, a seguir, uma lista sintética e cronológica que registra o resultado de algumas dessas pesquisas, elaborada por Mattos (2007):

- 1972 – Pesquisadores soviéticos estabeleceram uma ligação entre campos eletromagnéticos de baixos níveis e problemas de saúde tais como



fadiga e dores de cabeça.

- 1979 – Robert Becker, médico e Andrew Marino, biofísico, atestaram diante de uma comissão de Serviço Público de Nova York, resultados obtidos por suas experiências, que mostraram efeitos negativos sobre a saúde devidos à exposição de indivíduos e campos eletromagnéticos.
- 1979 – Nancy Werthermeier, epidemiologista, juntamente com o físico Ed Lepper, publicou um estudo que demonstra estatisticamente uma ligação do tipo causa-efeito entre câncer (leucemia) em crianças que viviam em locais próximos a cabos de alta potência elétrica.
- 1986 – Dr. Bernard Tribukair, professor de radiologia do Instituto Karolinska em Estocolmo Suécia, demonstrou que fetos de camundongos expostos a campos eletromagnéticos em forma de dente de serra, apresentaram uma grande incidência de má formação congênita quando



comparados a camundongos não expostos a tais campos. Os campos em dentes de serra são uma emissão típica dos monitores e aparelhos de TV.

- 1988 – O departamento de Saúde e Higiene de Maryland, encontrou um número alto e incomum de mortes por câncer cerebral em homens empregados em serviços elétricos.
- 1989 – A Universidade Johns Hopkins constatou elevados riscos de câncer (de todos os tipos) dentre os esticadores de cabos da Cia. Telefônica de Nova Iorque.
- 1990 – David Saviitz, epidemiologista da Universidade da Carolina do Norte determinou através de um estudo que mulheres grávidas que usavam cobertores elétricos tiveram crianças com 30% a mais de risco de contrair câncer, quando comparadas com crianças cujas mães não usavam tais cobertores¹.

1 Obs: dados colhidos em artigos de Jonh Lavine, publicados na Revista Popular Electronics, edição de março de



Por fim, convém ressaltar que os trabalhos citados são referentes a constatações feitas somente em um tipo de campo eletromagnético, ou seja, o mais comum, localizado nas redes elétricas de 50 ou 60hz. Como se pode ressaltar nesse pequeno demonstrativo bibliográfico, os efeitos dos campos eletromagnéticos, atualmente acrescidos de redes e transmissores de telefonia celular sobre os mecanismos da vida têm sido observado há muito tempo, até mesmo antes da primeira data citada anteriormente.

Igualmente, sabe-se que a manutenção de campos magnetoelétricos nos ambientes em que se vive, não apenas delongariam a vida dos seres humanos, como impediriam a proliferação de grande quantidade de enfermidades decorrentes das emissões fotônicas, contudo, decerto isto não interessa aos setores industriais da sociedade, que eles de equipamentos de remédios. Lutar contra isso é lutar contra o establishment. O conhecimento de tais peculiaridades torna-se o objetivo fisiológico principal da MQI.



Assim sendo, os seres vivos reagem às interferências dos campos eletromagnéticos de maneira patognomônica, desenvolvendo mecanismos de adaptação reflexa. Esses mecanismos se traduzem por meio da atuação sobre os fluxos iônicos, invertendo a polaridade de suas cargas, porquanto se produz uma resposta reflexa que se compõe basicamente na inversão do biocampo, cujo objetivo é de evitar a proliferação de cargas elétricas, constituindo, portanto, um mecanismo de defesa, típico do organismo animal, para impedir ou inibir a ação do campo interferente. Esta condição deverá continuar por um período de tempo determinado pela própria interferência, e é assim proporcional a sua duração. A inversão do biocampo sofre uma modulação em sua amplitude que varia de $+X$ a X como se pode deduzir por simples raciocínio.





Capítulo 2

MEDICINA QUÂNTICA (MQ)

Introdução a Medicina Quântica

Não podemos refutar a existência inegável e a importância da física quântica, mas, por algum motivo, o campo médico tem adormecido as descobertas revolucionárias e importantes que afetam diretamente a saúde. Mattos (2007) relata que se trata a Medicina Quântica de um conceito diferente, holístico da Medicina. Proveniente do Quantum ou Quanto, a palavra Quântica significa unidade, e age sobre o corpo e a mente. Com menor fármaco-dependência e mais rapidamente, devolve o essencial: a saúde e o bem-estar, contudo, fundamentalmente, a liberdade e a autonomia, respeitando, sobretudo, a condição de cada um dos pacientes a tratar e suas limitações. A medicina quântica é um tipo de medicamento que utiliza achados científicos em física – em particular a física quântica – que são então utilizados para diagnóstico e terapia.



Figura 3 – Medicina Quântica



Fonte: <http://www.klinik-imleben.de/en/energy-information-and-quantum-medicine/>

Sob o ponto de vista da Medicina Quântica, pode-se afirmar que a enfermidade aparece em um indivíduo quando um organismo perde a capacidade de manter suas funções ordenada e harmonicamente.

Para Mattos (2007) esta enfermidade ou desordem pode manifestar-se em qualquer tecido ou órgão, mo-



tivo pelo qual cada indivíduo desenvolve uma enfermidade distinta e com os sintomas particulares que cada pessoa é capaz de manifestar. Manter esta desordem fará com que a enfermidade avance ou persista. Contudo, corrigi-la, fará com que a enfermidade desapareça por completo.

Descobertas revolucionárias de Albert Einstein assinalaram uma nova etapa no campo da Física. Há muitas décadas, Einstein descobriu que o átomo, esse elemento mínimo, entesoura conceitos e variações de formas e estruturas insuspeitos até o momento. Uma vez ao ano todos os átomos do nosso corpo se renovam em cerca de 98%. Segundo Chopra (2009), a Teoria Quântica completa foi elaborada por uma equipe de físicos. A Teoria da Relatividade, contudo, foi construída em sua forma completa quase na sua totalidade pelo próprio Einstein. Seus ensaios científicos constituem monumentos intelectuais que assinalam o começo do pensamento no século XX.

Capra (1982) refere, nesse sentido, que Einstein acreditava profundamente na harmonia inerente à natureza e, no decorrer de sua vida científica, sua maior preocupação



foi descobrir um fundamento unificado para a física. Em busca desse objetivo, construiu uma estrutura comum para a eletrodinâmica e a mecânica, duas teorias isoladas dentro da física clássica, teoria essa conhecida como a teoria especial da relatividade. Esta fórmula, de tão simples enunciado, revolucionou a natureza do conhecido, particularmente da física e, em geral, de toda a ciência. Jamais um enunciado teve tamanhas decorrências no desenvolvimento da humanidade.

Conforme Einstein (1982, p. 666):

Eu estou, de fato, firmemente convencido que o caráter essencialmente estatístico da teoria quântica contemporânea deve ser atribuído exclusivamente ao fato que esta teoria opera com uma descrição incompleta dos sistemas físicos.

Na relação feita por Einstein, e tornada clássica entre muitos críticos da teoria quântica, a mecânica estatística correspondia à teoria quântica, restando por ser formulada uma teoria mais básica que servisse de fundamento



à teoria quântica tal como a mecânica clássica serviria de fundamento à mecânica estatística. Nessa linha de raciocínio, portanto, a interpretação probabilística para os estados quânticos (as funções de onda), sugerida por Max Born, seria uma interpretação estatística, expressando a insuficiência da informação sobre os sistemas incorporados nos estados da teoria quântica.

Para Bohr (1987, p. 26),

a informação referente ao comportamento de um objeto atômico obtida sob condições experimentais definidas pode (...) ser adequadamente caracterizada como complementar a qualquer informação sobre o mesmo objeto obtida por algum outro arranjo experimental excluindo os requisitos das primeiras condições. Embora tais tipos de informação não possam ser combinadas em uma única representação por meio de conceitos ordinários, efetivamente elas representam aspectos igualmente essenciais de qualquer conhecimento do objeto em questão que possa ser obtido nesse domínio.



Chopra (2009) refere que energia é igual á massa vezes a velocidade da luz ao quadrado, significando que, em termos mais analíticos, que a quantidade de energia contida numa quantidade mínima de massa é desmesurada, e sua utilização para finalidades não bélicas, como era a intenção inicial de Einstein, resolveria os problemas energéticos de toda a humanidade por um período também desmesurado de tempo. Contudo, isto ainda não aconteceu e as aplicações práticas iniciais dos conhecimentos do cientista não foram nada pacíficas. O próprio Einstein se conscientizou disto tarde demais, quando o projeto bélico já era irreversível.

Revolução Quântica

A visão do mundo sofreu uma inevitável transformação que se produziu com a revolução quântica. Demonstrou que tudo que se encontra à nossa volta está envolto e interconectado em um campo quântico infinito e, portanto, a recuperação da saúde não pode estar alheia a ele.



Energia que equilibra

Diferentemente da Tradicional, a MQ é incumbida da origem das suas disfunções, sustentando que a maioria das patologias são desencadeadas por um desequilíbrio energético. Mediante a correção desse desequilíbrio busca que o paciente tenha uma melhor qualidade de vida, desenvolvendo-se em harmonia consigo mesmo e com o entorno.

Base Científica

A MQ se encontra fundamentada numa teoria física que, para descrever as propriedades dinâmicas das partículas subatômicas e as interações entre a matéria e a radiação, utiliza o conceito de unidade quântica. A palavra “energia” provém do grego “energes” (atuar) que por sua vez deriva “ergon” (obra), ou seja, equivale a real, efetivo, aquele que atua, que produz.

A abordagem do tratamento com o sistema terapêutico “campo quântico” possibilita uma completa, se-



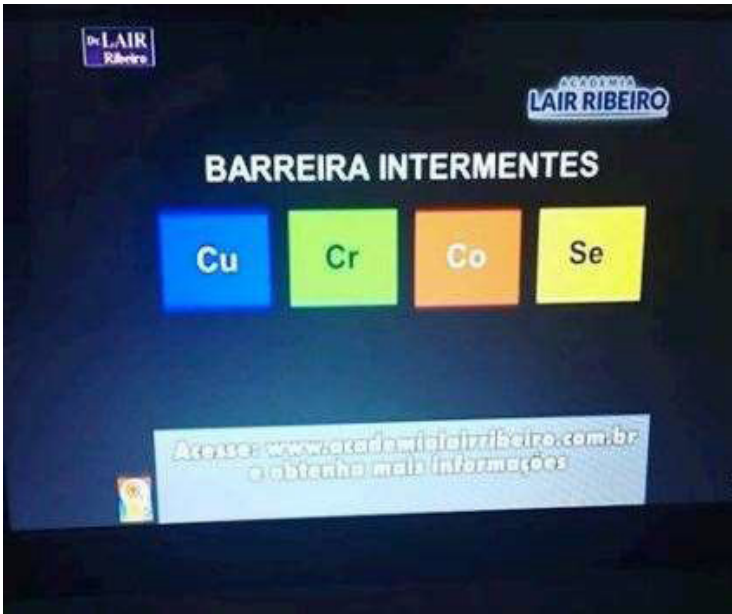
gura e eficaz intervenção terapêutica para patologias cuja alteração orgânica se manifesta com disfunção da ordem celular. Inclusive, é importante destacar que este método de tratamento não apresenta efeitos secundários e contra-indicações, não é invasivo e não gera nenhum processo iatrogênico.

Barreira Intermentes

De acordo com Ribeiro (2014), desordens funcionais quase sempre são isentas de lesões embora decorram em uma alteração metabólica significativa. A esta, poderá corresponder uma expressão semiológica pouco definida, difusa ou localizada, que varia segundo a personalidade biológica do indivíduo, manifesta através de complexas funções dos minerais de expressão – Cobre, Cromo – Cobalto e Selênio. Estes minerais presentes na biodisponibilidade intracelular atuam também como controladores da “barreira intermentes da memória celular”.



Figura 4 – Barreira Intermentes



Fonte: Academia Lair Ribeiro

O autor prossegue:

“Se o cobre, o cromo, o cobalto e o selênio estiverem operando de uma forma perfeita, equilibrada entre si, não deixarão passar as doenças. Se você tiver o cobre maior ou o cobre menor, cromo demasiado ou cromo de menos, ou cobalto demais ou cobalto de menos, ou selênio demais os selênio de menos, vai desequili-



brar a barreira intermentes e então as doenças vão se manifestar. Estamos chegando num ponto onde você está entendendo que as doenças podem ser presas aqui e não se manifestarem na sua vida, contanto que você mantenha a barreira intermentes íntegra. Isto você nunca aprendeu na faculdade e nem nunca vai aprender, porque isto é entrar na Medicina Quântica, é o que a Medicina Quântica está trazendo para nós, e quem descobriu isto foram os alemães. Eles descobriram por causa de dois pintores de paredes que pintavam o dia inteiro e apareceram com doenças raríssimas. Os pesquisadores então estudaram e descobriram que na tinta havia grande quantidade de cobre e cromo, parece que foi isso. E este fato perturbou a barreira intermentes deles. Eles começaram a manifestar doenças raríssimas, que o tataravô tinha. Foi a primeira vez que se estudou isto no mundo, foi no século passado, o conceito de barreira intermentes, que agora vem evoluindo. Equilibrando a barreira intermentes, a pessoa tem mais saúde. Os organismos sabem como e do quê poderão adoecer, porque possuem estereótipos (impressões



sólidas) patagnomônicos inseridos em você, no inconsciente da sua mente corporal.”

Em resumo, entre os elementos químicos tidos como fundamentais ao organismo humano, quatro destacam-se por comporem uma “barreira intermentes”, ou seja, o obstáculo que antepara a deposição das informações afloradas no genoma no interior das células. Esta barreira constitui-se de cobre, cromo, cobalto e selênio que, agindo conjuntamente através de uma sintonia frequencial, determinam um “acorde” capaz de bloquear o desenvolvimento dos processos degenerativos. Esses metais desempenham um papel primordial no amadurecimento das características físicas do organismo, assim como no desenvolvimento da personalidade psicológica do indivíduo. Esses minerais agem como barreiras intermentes, desempenhando, de forma individual e em papéis específicos, ora atuando sobre o sistema imunológico, ora reprimindo, no inconsciente, personalidades de diversos tipos (RIBEIRO, 2014).

Um estudo profundo das predominâncias dos mi-



nerais possibilita um maior entendimento dos problemas individuais, tornando, assim, possível determinar antecipadamente as tendências do desenvolvimento de determinadas enfermidades.

Benefícios da Medicina Quântica

A energia quântica pode ser utilizada para beneficiar a saúde, visto criar as condições adequadas a fim de que a capacidade natural de cura de cada indivíduo se revele, permitindo o restabelecimento da saúde física e mental, sua sustentação e a prevenção de doenças decorrentes de estados de desequilíbrio energético.

A cura pela energia quântica utiliza a energia para alterar e obter resultados visíveis na matéria. Como tudo é energia, se consegue com facilidade compreender que basta alterar essa energia para a obtenção resultados no físico. Isso acontece rapidamente e as curas de problemas de saúde tornam-se possíveis num curto espaço de tempo. Qualquer problema de saúde é, antes de tudo, uma alteração energéti-



ca. A cura por meio da energia quântica possibilita corrigir essas alterações energéticas atingindo, dessa forma, a raiz dos problemas e não apenas os seus sintomas.

Elencamos, em seguida, alguns dos benefícios proporcionados pela Medicina Quântica:

- Promove o relaxamento;
- Reduz o estresse e a ansiedade;
- Reduz as tensões e o nervosismo;
- Reduz a raiva e as inquietações;
- Reduz fobias e a Síndrome do Pânico;
- Reforça a coordenação motora;
- Reforça a mobilidade muscular;
- Melhora a flexibilidade;
- Melhora a performance desportiva;
- Melhora a clareza mental;
- Fortalece a memória e a atenção;
- Controla a hipertensão;
- Melhora a qualidade do sono;
- Reduz a hiperatividade;
- Melhora a saúde em geral e a sensação de bem-



-estar, entre outros.

A medicina quântica tem obtido resultados admiráveis ao nível do tratamento de doenças crônicas e degenerativas, sendo, talvez, este o segredo de sua atual expansão. As soluções de saúde e bem-estar são extensas, podendo variar entre uma simples terapia de combate ao estresse até ao acordar de um coma profundo.

Os resultados da aplicação da medicina quântica demonstram que a ação das radiações melhora a circulação do sangue, acelera os processos metabólicos, ativa o processo regenerativo, estabiliza a membrana celular, normaliza arritmias cardíacas, ativa a função oxidante do sangue, estimula o fluxo energético global, aumenta os níveis de hidratação e oxigenação e possui um efeito imuno-estabilizante no organismo – segundo Sandra Rebelo¹.

1 Licenciada em matemática e física, responsável pela Saluz Quantum. A sua dedicação à medicina quântica teve inicialmente uma motivação familiar, mas cedo se tornou mais abrangente face aos apelos para tratar vários casos. Disponível em <<https://www.medicosdeportugal.pt/info/especialidades/estetica-e-bem-estar/medicina-quantica-restabelecer-o-equilibrio-energetico/3/>> Acesso em 20 nov



Para a especialista, a terapia quântica reduz igualmente o efeito secundário dos medicamentos, potenciando tratamentos homeopáticos, fitoterapêuticos, ortomoleculares e de outras terapias naturais. Os benefícios da terapia quântica são percebidos graças à manipulação de energia. O SCIO (Scientific Consciousness Interface Operation) aumenta o nível de energia nas zonas mais debilitadas equilibrando os níveis energéticos do corpo humano e proporcionam do maior bem-estar e qualidade de vida.





Capítulo 3

FÍSICA QUÂNTICA

No decorrer de quatro séculos, a Ciência Moderna fez grandes progressos na história da humanidade. Segundo Nagendra (2009), explorando o mundo físico com todas as suas complicações e complexidades, mecânica clássica, mecânica relativista e mecânica quântica, pode-se entender o mundo que nos rodeia com precisão matemática. Ao mesmo tempo, há algumas décadas atrás, pensava-se que a matéria e a energia eram dois tijolos de construção independentes do nosso mundo físico.

O início da física moderna foi marcado pela extraordinária proeza de Albert Einstein. Segundo Mattos (2007), em dois artigos, ambos publicados em 1905, Einstein introduziu duas tendências revolucionárias no pensamento científico. Uma foi a Teoria Especial da Relatividade; a outra, um novo modo de considerar a radiação eletromagnética, que se tornaria característica da teoria quântica, a teoria dos fenômenos atômicos.

A Física Quântica é um campo da Física decorrente do estudo do átomo e das partículas subatômicas, representando um esquema conceitual que permite o en-



tendimento das propriedades microscópicas do universo. Segundo Vedral (2011), durante a transição do século XIX para o século XX, estudiosos começaram a obter um melhor entendimento da estrutura atômica, e para seu espanto descobriram também um novo universo gerido por outras leis, bem distinto das Leis Newtonianas, conhecidas pela Física Clássica.

Vedral (2011) refere que a mecânica quântica expressa que nas escalas das distâncias atômicas e subatômicas, o universo apresenta propriedades espantosas. Demonstra, igualmente, de modo absoluto e evidente, que múltiplos conceitos básicos essenciais para a nossa compreensão do mundo cotidiano perdem totalmente o sentido nos domínios microscópicos. Por conseguinte, há de se alterar expressivamente tanto a linguagem quanto o raciocínio para o entendimento deste novo paradigma. Presentemente a ciência tem para si uma concepção mais ampla da Física Quântica, não a delimitando somente ao mundo microscópico. A Física atual indica que esta partição apropriada do mundo, entre a Física Quântica – para fenômenos microscópicos – e



a Física Clássica – para fenômenos macroscópicos, é uma lenda. Poucos físicos contemporâneos crêem que a física clássica apresente um status similar ao da mecânica quântica, sendo apenas uma aproximação útil de um mundo que é quântico em todas as escalas. Não obstante efeitos quânticos sejam raros no macromundo, a razão para este fato não se encontra relacionada ao tamanho por si só, contudo com o modo como os sistemas quânticos interatuam uns com os outros. Esses efeitos são mais difusos do que se pensava, podendo operar nas células do corpo.

Segundo Xavier (2012), Max Planck, físico alemão considerado o pai da Física Quântica, sugeriu que a energia existe na natureza de forma quantizada, em “pacotinhos” mínimos, posteriormente denominados quantum. Assim sendo, a energia eletromagnética, anteriormente considerada somente como uma onda, passou a ser igualmente compreendida como partículas, os fótons. Em compensação, as partículas, como o elétron, p.ex., também exibem comportamento ondulatório, quer dizer, um elétron é, na verdade, uma dualidade onda-partícula, e não somente uma partícula.



la elementar, como era ensinado anteriormente nas escolas.

Na concepção do autor (2012, p. 12):

Mais radical ainda é saber que o que definirá se o elétron será descrito como uma onda ou como uma partícula será o tipo de experimento montado, ou seja, a maneira que se escolhe para observar o elétron é que definirá se será usado o modelo de onda ou de partícula. O papel do observador e sua interação e influência no que está sendo observado reside no coração da Física Quântica, por meio do Princípio da Incerteza (não tem como observar sem interferir).

Figura 5 – Física Quântica. A física quântica ensina-nos que os sistemas físicos consistem de padrões de energia dinâmica. Nenhum pedaço pode ser visto separadamente do todo sem que haja distorções ou perdas. A organização quântica é holística, buscando explicar o todo pelas suas partes, devendo se preocupar menos com o controle dos processos encorajar mais o relacionamento entre líderes e clientes, entre líderes e demais ministérios, departamentos ou divisões. A



organização quântica deve ser consistente em um contexto maior – humano, corporativo, social e ecológico – aumentando as relações entre si.



Fonte - <sociedadepublica.com.br/entendendo-fisica-quantica>

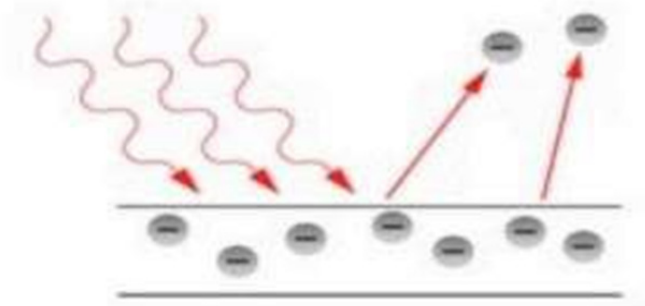
No entendimento de Chopra (2009) a Física Quântica é uma filosofia integradora, que veio para expandir a visão de modo que assuntos que pareciam desconexos, passem a ser vistos de modo complementar e integrado. No âmbito de uma visão quântica da saúde, determinados temas que não eram habitualmente valorizados dentro do pa-



radigma clássico, adquiram nova e categórica importância: a relação médico-paciente; fenômenos atípicos da medicina – como cura espontânea, cura à distância através da oração e autocura e cura espiritual, constituem alguns exemplos. A Física Quântica elucidada e aclarada igualmente muitas facetas até aqui enigmáticas da medicina oriental (chinesa e indiana), da medicina dos chakras e da homeopatia.

Figura 6. Quantização da Energia.

Efeito Fotoelétrico - Conceito



Fonte: <https://pt.slideshare.net/Will_Ananias/o-que-fsica-quntica>



Einsten, criador da Teoria da Relatividade, foi o primeiro a empregar a expressão quantum para a constante de Planck $E = hv$, em pesquisa divulgada em 1905 acerca das decorrências dos fenômenos fotoelétricos, ao desenvolver o conceito de fóton, termo relacionado a um evento físico bastante comum, a quantização – um elétron passa de uma energia mínima para o nível posterior, caso aquecido, contudo nunca transporá estágios intermediários, vetados para ele, neste caso a energia se encontra quantizada, a partícula alcançou um salto energético de um valor para outro. Tal conceito é essencial para o entendimento da importância da física quântica.

Seus resultados se apresentam maior evidência no campo macroscópico do que no microscópico, não obstante os efeitos percebidos no campo mais visível dependam das atitudes quânticas desvendadas pelos fenômenos que advêm nos níveis abaixo da escala atômica.

No cotidiano, ainda que sem possuímos conhecimento sobre a Física Quântica, temos em nosso campo de consumo muitos de seus efeitos concretos, como o aparelho



de CD, o controle remoto, os equipamentos hospitalares de ressonância magnética, sobretudo o computador.

A Física Quântica abrange conceitos como os de partícula – objeto com uma ínfima dimensão de massa, que compõe corpos maiores – e onda – a radiação eletromagnética, imperceptível para nós, não carecendo de um ambiente material para se difundir, e sim do espaço vazio. Enquanto as partículas tinham seu movimento avaliado pela mecânica de Newton, as radiações das ondas eletromagnéticas eram referidas pelas equações de Maxwell. No início do século XX, contudo, determinadas pesquisas apresentaram incoerências esclarecedoras, confirmando que os comportamentos de ambas podem não ser assim tão diversos uns dos outros.

Físicos, como Amit Goswami, se amparam nos conceitos da Física moderna para oferecer provas científicas da existência da imortalidade, da reencarnação e da vida após a morte. Goswami (2006) defende a composição entre física quântica, espiritualidade, medicina, filosofia e estudos acerca da consciência, se encontrando suas obras



repletas de descrições técnicas, objetivas, científicas, emu-
decendo, dessa forma, seus opositores.

Capra (1982) esclarece a importância do observa-
dor na produção dos fenômenos quânticos. Ele não apenas
observa os atributos do evento físico, contudo influencia
igualmente na forma como essas qualidades se revelarão.
A consciência do sujeito que examina a trajetória de um
elétron vai definir como será seu comportamento. Assim,
segundo Capra (1982), a partícula é privada de seu caráter
específico se não for submetida à análise racional do obser-
vador, ou seja, tudo se interpenetra e se torna interdepen-
dente, mente e matéria, o indivíduo que observa e o objeto
sob análise.

Eugen Wingner também concorda que o papel da
consciência no âmbito da teoria quântica é indispensável.

Contribuições Quânticas À Medicina

Sob a ótica da medicina ocidental, quando um
corpo apresenta problemas funcionais, atribui-se a causa



defeitos estruturais produzidos por desequilíbrios físicos. Não obstante a homeostase depende de uma ligação com a energia situada a um nível mais profundo, isso não é considerado. O ser humano é visto como uma máquina biológica criada para desempenhar as mais mirabolantes funções.

Em seguida, segundo o entendimento de Goswami (2006), relacionamos muitas formas pelas quais essas contribuições trazem benefícios à saúde e à cura:

1. A física quântica nos possibilita integrar todas as diferentes filosofias das várias escolas de medicina;
2. O pensamento quântico nos dá condições de desenvolver uma taxonomia muito útil da doença e da cura;
3. A física quântica demonstra claramente que podemos escolher entre doença e cura. Tal escolha pode ser exercida a partir do momento em que se aprende a dar o salto quântico para a unidade da consciência, o self quântico;



4. A física quântica nos capacita a compreender fenômenos anômalos da medicina, como cura espontânea (como instâncias da criatividade quântica), cura à distância pela oração (como instâncias da não-localidade quântica) e auto-cura e cura espiritual (como causação descendente com intenção pura);
5. A física quântica elucida o papel da medicina alopática na cura integral;
6. A física quântica oferece orientações claras para a relação médico-paciente (hierarquia entrelaçada);
7. A física quântica esclarece e explica muitas facetas até aqui misteriosas da medicina oriental (chinesa e indiana), da medicina dos chakras, da homeopatia e da medicina mente-corpo).





Capítulo 4

MEDICINA QUÂNTICA INTEGRAL E MEDICI-
NAS SUTIS

Segundo Ross (2009) a medicina da atualidade encontra-se em meio a uma crise inegável. Os pedidos de reforma da saúde estão na vanguarda das discussões econômicas e políticas em todo o mundo. As pressões econômicas reduzem a quantidade de tempo que os médicos podem gastar com os pacientes, contribuindo para o burnout entre a equipe médica e colocando em risco o paciente iatrogenicamente. Um novo paradigma deve ser abraçado para abordar todos os aspectos desse dilema. É claro que a ciência e a tecnologia resultaram em uma melhor compreensão, diagnóstico e tratamento da doença, mas a ênfase na ciência e na tecnologia com exclusão de outros elementos de cura também serviram para limitar o desenvolvimento de um modelo que humanize os cuidados de saúde. A cura de um paciente deve incluir mais do que a biologia e química do seu corpo físico, devendo incluir, necessariamente, os aspectos mentais, emocionais e espirituais. Em razão desses desafios, o desenvolvimento de um sistema de saúde integral, enraizado em regulação apropriada e apoiado por evidências científicas rigorosas é a direção que muitos mo-



delos de cuidados de saúde integrativos estão se movendo para este século.

A medicina integral reconhece que os seres humanos possuem dimensões emocionais, mentais e espirituais essenciais ao diagnóstico e ao tratamento da doença e ao cultivo do bem-estar. A medicina integral preocupa-se com o indivíduo ao invés da doença, apelando à força vital universal (prana ou chi) manifestada mental, 46xcess e espiritualmente. Segundo Schlitz (2005, p. 11):

O corpo, a mente e o espírito estão operando em si mesmos; a cultura e a natureza e, portanto, a doença e a integridade da saúde e da cura estão unidas em uma ‘tapeçaria’ multidimensional que não pode ser cortada sem perda.

Na maior parte das vezes, quando da anamnese, o médico se encontra bem mais preocupado com a enfermidade do que com o enfermo, resultando que, não obstante as prescrições adequadas, o tratamento muitas vezes falha, ou somente melhora os sintomas referidos pelo doente, ainda



que a conduta e as prescrições estejam exatas. Exemplificando, é o que ocorre com as infecções de repetição que se tornam resistentes a antibióticos e que constituem o problema maior das mães de crianças pequenas, que a todo instante desenvolvem infecções de garganta e ouvido e outras que se revelam inúmeras vezes, anualmente.

Isto ocorre considerando-se que cada organismo apresenta reações diversas, em conformidade com seu desempenho metabólico, sendo que as principais diferenças se encontram na variação da intensidade, latência e duração da afecção, sem mencionar a resistência desenvolvida por alguns microorganismos aos antibióticos mais utilizados. A questão metabólica define, em conformidade com suas características, o que se denomina de “terreno constitucional” e é concernente às manifestações clínicas funcionais determinadas pelas predisposições do indivíduo a reagir de forma particular aos estímulos circunstanciais. Estas predisposições individuais, contudo, podem ser exacerbadas pelas condições do Terreno Biológico (TB) no momento da avaliação, porquanto havendo ingestão de alimentos impró-



prios ao “TB”, haverá condições para o desenvolvimento de patologias para as quais haja predisposição. Por outro lado, havendo acerto na alimentação e sendo esta adequada ao “TB”, haverá, indubitavelmente, muito menor probabilidade de desenvolvimento daquelas patologias e, na maior parte dos casos, impossibilidades neste sentido.

Segundo Mattos (2007) com a utilização de métodos da MQI é viável a interferência no TB por meio do oligoelementos catalisadores, de ação direta nos processos enzimáticos, resultando em reativação de reações metabólicas, anteriormente bloqueadas ou insuficientes, muito necessárias ao funcionamento dos sistemas biológicos que agem na manutenção da vida e de seus mecanismos regeneradores. A MQI utiliza alguns dos recursos de outras metodologias como aoligoterapia catalítica, medicina ortomolecular, homotoxicologia e homeopatia, apresentando como objetivo tratar as doenças ou disfunções reversíveis, procedentes de desordens funcionais de origem genotípica ou fenotípica, atuando na base ou o mais próximo possível da base fundamental etiopatogênica.



Para o autor, o corpo humano se encontra sujeito, no referente aos aspectos psicológicos, a dominâncias fisiológicas que se explanam na sua relação com o mundo que o cerca. Quando esta dominância é desempenhada pelo hemisfério esquerdo do cérebro, torna-se característica a sua maneira de agir, bem distinguidas daqueles que apresentam a dominância do hemisfério direito que determina o modo de ser.

Mattos (2007) prossegue relatando que na dominância exercida pelo hemisfério esquerdo do cérebro, temos um indivíduo mais condicionado às imposições do caráter, ou seja, pela cultura. Nele, o comportamento e as atitudes serão muito influenciados pelos arquétipos que determinam uma sensibilidade maior ao desenvolvimento de: doenças fenotípicas, (adquiridas, ou contraídas por contágio e contaminação ambiental), vícios, (fumo drogas), psicoses de origem traumática, epilepsias corticais (sequelas no campo psico-motor), com transtornos comportamentais, transtornos sexuais transitórios, distúrbios viscerais e problemas nervosos simpáticos. Por sua vez, o lado direito do cérebro



rege a maneira de ser do indivíduo, definindo: temperamento, heranças culturais, pulsões inconscientes, arquétipos aflorados predispondo a doenças genotípicas, inconsciente coletivo, organeuroses, taras, transtornos criptogenéticos, psicoses e epilepsias centro-encefálicas.

A MQI pode tratar as disfunções paragnomônicas utilizando, p. ex., a oligoterapia catalítica, na qual a utilização de medicamentos em dosagens muito fracas, liberada de toxicidade e de efeitos colaterais indesejáveis, permite o tratamento dos estados pré-patológicos (patognomônicos) e funcionais potencialmente degenerativos, precipitando ou reduzindo a ação das enzimas atuantes nas reações metabólicas indispensáveis ao organismo. Para tanto são empregados oligoelementos que, sob a forma de gluconatos (sais orgânicos), integram-se com facilidade nos ciclos fisiológicos. Assim sendo, são ao mesmo tempo hidro e lipossolúveis, além de pouco ionizáveis.

Todas as especialidades médicas podem beneficiar-se com o emprego da MQI de um modo geral. Mais particularmente, a clínica das afecções, as doenças classi-



ficadas como autoimunes, contra as quais pouco ou nada pode ser feito em termos de terapia tradicional ou convencional. A MQI, assim denominada em razão da sua estreita relação com a física quântica e seu envolvimento com determinadas metodologias terapêuticas, deverá, na verdade, dentro de certo tempo, incorporar-se ao *stablishment* médico oficial e deixará de ser analisada como uma “terapia alternativa ou complementar”, o que, na verdade, não é. As formas complementares de atuação terapêutica e conceituação científica englobados pela MQ são, segundo Mattos (2007): a terapia ortomolecular, a oligoterapia catalítica, a homotoxicologia e homeopatia, e a física moderna e pós-moderna – conceitos quânticos.

O aprendizado da metodologia quântica aplicada à medicina no momento atual, não envolve o estudo de matemática superior ou física pura, mas tão somente a compreensão de novos e revolucionários conceitos da biofísica que por seus profundos e verdadeiros enunciados, estabelecer na mente de quem os estuda e compreende, uma nova e extraordinária conceituação sobre a vida, seus mecanismos



e seus objetivos, o mundo, o universo, o espaço/tempo e, sobretudo, a consciência como atributo, não somente psicológico, mas, sobretudo, fisiológico, corpóreo e universal. Nada que se tenha criado até os dias atuais em termos de prospecção de verdade etiopatogênica, aproximou-se tanto das causas essenciais quanto a MQI. O organismo aparece como uma forma de oligarquia na qual, enormes massas de elementos passivos são dominadas por um pequeno número de elementos catalíticos. Bertrand foi o primeiro cientista a descobrir as necessidades dos oligoelementos, tanto para as plantas quanto para os animais e seres humanos.

Estes (oligo = diminutos) elementos são encontrados em nosso organismo em quantidades muito pequenas, sendo o seu desempenho ativar ou catalisar todas as funções e as modificações biológicas necessárias à manutenção da vida. A presença dos oligoelementos já era percebida há muito mais de um século, quando então eram avaliados ou impurezas do organismo ou como erros de análise. Em poucos anos, contudo, percebeu-se a importância de suas funções fisiológicas e em seguida, passou-se do estudo dessas



funções ao estudo do complexo papel terapêutico desempenhado pelos oligoelementos.

Ainda segundo Mattos (2007) a medicina funcional que então se afigurou como um sistema ao método terapêutico completo revelou-se, mais tarde, não obstante as limitações decorrentes dos estudos mais profundos dos seus princípios, uma excelente coadjuvante no tratamento de inúmeras afecções, sobretudo aquelas de natureza recidivante, apresentando vantagens sobre outras terapias, porquanto permite, por um lado, tratar as predisposições patológicas e, por outro, corrigir os transtornos funcionais, ressuscitando mecanismos celulares que, à medida que não são tratados, evoluem para patologias orgânicas. Como decorrência, possibilita o tratamento de estados ou condições pré-patológicos ou subclínicos, intervindo diretamente no que se evidencia como causas funcionais intracelulares, levando-se em conta que esses estados se encontram situados entre a saúde e a doença.

Os fundamentos clínicos da MQI fundamentam-se no emprego da Física e Biofísica aplicadas, como metodo-



logias predominantes no diagnóstico e na terapêutica. De acordo com seus conceitos: a vida orgânica é compreendida como uma manifestação sistêmica dos micro-mecanismos inerentes às funções vitais. Interessa-se pelos fenômenos microfísicos que se passam no organismo e por meio deles, compreende suas funções nas citadas áreas no suscitamento de processos de natureza bioquímica, visto que, em sua essência, toda reação química tem início como decorrência de processos de natureza física. Neste contexto, a MQI carece de fármacos que atuem em nível mais profundo, mais físico do que químico, por vezes atômico, e para tanto utiliza os oligossois, que são altas diluições, ora como terapia complementar ressuscitadora de mecanismos metabólicos, ora como terapia de eleição. É este um ponto de concordância, importante, entre a MQI e a Medicina Funcional, ou Oligoterapia, que pode ser adotado como uma das bases de trabalho pelos adeptos da MQI.

No entendimento de Mattos (2007) a composição energética intracelular evidencia a existência de um padrão vibracional, no qual:



- os minerais presentes caracterizam a espécie animal. Desta forma os seres humanos são caracterizados pela existência de um padrão ou “acorde” individual que significa certa combinação de frequências ou “notas musicais” que oscilam sobre uma base tonal que identifica a linhagem ou herança genética familiar;
- a qualidade ou pureza desses elementos determina o timbre vibracional. Segundo a presença no meio celular de quantidades típicas de elementos minerais especiais (metais e ametais) sabemos em que se constitui a célula e por extensão, o organismo.
- a quantidade, a intensidade da vibração determina o “tônus” vital do organismo. A pureza (qualidade) desses elementos minerais é responsável pelo timbre vibracional característico do indivíduo em si mesmo, de suas características nutricionais e do ecossistema onde vive.



O autor enfatiza o fato de que quanto melhor a constituição do indivíduo, maior a sua capacidade de absorção seletiva, ou seja, de escolher nos alimentos os elementos e substâncias mais puras, tornando-se deste modo um ser melhor, representativo da espécie e por isto mais protegido pela natureza. A quantidade apropriada de elementos é expressa na intensidade do seu acorde vibracional, da sua energia e do seu tônus vitais. Todos estes fatores podem ser largamente detectados pela observação apurada do relatório mineralógico de biodisponibilidade intracelular ou mineralograma, que pode ser compreendido como um retrato fiel da economia interna do sistema como um todo, concernente ao ambiente e ao ecossistema em certo momento.

Estes constituem, sob o ponto de vista da MQI, os aspectos da homotoxicologia que nos interessa, visto que transcende os objetivos procurados com relação à bioquímica, estabelecendo-se no âmbito intracelular e intramolecular, e, por isto, estudados pela MQI, que esclarece de forma plenamente satisfatória os mecanismos de ação de seus fármacos.





Capítulo 5

MEDICINA ORTOMOLECULAR

Segundo Zell e Grundmann (2012) a medicina ortomolecular baseia-se no uso de substâncias endógenas e de ocorrência natural para complementar as deficiências em vitaminas, minerais e outras substâncias essenciais no corpo humano. Embora a comunidade médica tenha considerado isso como uma abordagem não científica para a cura, evidências científicas e clínicas estão emergindo para o uso suplementar de medicamentos ortomoleculares.

Trata-se a Medicina Ortomolecular de uma prática médica já regulamentada pelo Conselho Federal de Medicina na sua Resolução n: 1500/98, na qual é uma Medicina Complementar. As maiores controvérsias concernentes ao tema constituem no tratamento exclusivo ou complementar desta Medicina. É uma Medicina natural que tem por objetivo ajustar o excesso de radicais livres sobre o organismo, encontrando-se seus princípios devidamente aceitos nos meios científicos. Baseia-se na bioquímica celular, fundamentando-se nos princípios do metabolismo celular.

Uma das razões do envelhecimento celular é o bombardeio das células pelos radicais livres, extinguindo-



-as e adulterando seu código genético, promovendo o surgimento de cânceres e mutações celulares. Os radicais livres já são conhecidos e seus efeitos nocivos exaustivamente estudados.

A importância da clínica Ortomolecular reside na capacidade de identificar os fatores moleculares, que sobreveem nas modificações genéticas do terreno biológico, que originarão mudanças fenotípicas ou expressão das doenças, e os mecanismos farmacológicos empregados desde o ponto de vista nutricional, com o objetivo de neutralizar tais fenômenos associados a tratamentos sintomáticos, na procura de controlar o processo evolutivo da doença, assim como restabelecer socialmente ao paciente.

Visto que todas as evidências científicas indicam os radicais livres como parte essencial da gênese de inúmeros processos patológicos, tornou-se relevante o conhecimento da fisiopatologia concernente a esses desequilíbrios metabólicos capazes de acarretar alterações bioquímicas e, finalmente, lesões nos diversos sistemas do corpo humano. A compreensão desses processos e as técnicas capazes



de neutralizá-los têm sido absorvidas pelos profissionais de saúde nos grandes centros tecnológicos, mundialmente, tornando clara a sua relevância na prática clínica. Neste contexto, a compreensão sob esta nova ótica permite uma abordagem mais rica do processo Saúde/Doença.

Várias organizações, entre as quais a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2010) advertem sobre a situação de saúde mundial assinalada pelo aumento na incidência de enfermidades crônico-degenerativas como é o caso do diabetes, as enfermidades cardiovasculares, artrite, câncer e obesidade, portanto, é prioridade mudar o conceito médico e não dar mais anos à vida, mas sim dar mais vida no decorrer dos anos.

Analisando-se o modelo biomédico, este fundamenta-se em abordar a enfermidade a partir da ótica de seus sintomas e sinais clínicos, objetivando traçar um tratamento que module e/ou suprima os mesmos.

Na definição de Janson (2008), a Medicina Ortomolecular é a restauração e manutenção da saúde através da administração de quantidades adequadas de substâncias



que estão normalmente presentes no corpo.

A Medicina Ortomolecular dá importância específica à nutrição e ao uso de nutrientes não somente de forma preventiva, mas também como medicamentos, porquanto considera muitas enfermidades como transtornos devidos às deficiências nutricionais que a medicina oficial desconhece.

Ainda de acordo com Janson (2008) os estudiosos da Medicina Ortomolecular averiguaram a validade das exigências nutricionais diárias estabelecidas, com provas terapêuticas controladas, verificando que a maior parte destes resultados não suportava a prova das análises e da observação cuidadosa. Os fatos demonstraram que muitas enfermidades consideradas incuráveis respondiam muito bem a megadoses de vitaminas.

Lemos (2006), refere que a medicina praticada até meados do século XX ainda se encontrava bem direcionada para a relação médico-paciente. O crescimento da indústria farmacêutica, os exames diagnósticos, a busca da pílula que resolve tudo, tem ampliado o erro médico e a iatrogenia,



reduzindo, por conseguinte o contato humano.

A Medicina Natural, a Medicina baseada nos alimentos, a Medicina que considera a energia irradiada pelo ser humano, a Medicina que busca a integração do corpo e da mente, a Medicina que busca a cura ou a redução do sofrimento na própria natureza, está mais próxima da causa dos males, que em princípio surgem da própria natureza e devem ser medicados por ela.

De acordo com Olszewer (2002) a Medicina Ortomolecular tem como objetivo principal manter o equilíbrio das moléculas que compõem nosso organismo. O termo ortomolecular provém de duas palavras gregas: orto = equilíbrio e molecular = moléculas. Fundamenta-se no princípio ditado por Linus Pauling, que, já em 1960, considerava que se pode falar em saúde quando temos as moléculas de nosso organismo em equilíbrio estável

Contudo, quando esse equilíbrio é quebrado, determinando uma desorganização molecular, adquirimos a doença. Linus Pauling é considerado o introdutor do conceito de Medicina Ortomolecular nos EUA e seu maior di-



fusor mundialmente.

Conceito

Quando se discorria sobre clínica ortomolecular, a maior parte das pessoas pensava e relacionava com tratamentos para rejuvenescimento, fenômeno estabelecido pela imprensa e por mal-entendidos em sua especialidade clínica que buscavam nessa modalidade ganhar espaço e, sobretudo, rápida recuperação econômica.

Segundo Olszewer (2008), o tempo confirma que o conceito ortomolecular, presentemente chamado de bioquímica médica, contribuiu muito nas duas últimas décadas para o progresso da medicina e, entre fatos e controvérsias, tem marcado a história da ciência médica no Brasil e no mundo.

Segundo Olszewer (2002, p. 37):

No Brasil, o conceito de Medicina Ortomolecular ingressou no âmbito da conduta terapêutica em abril de 1983, introduzida pioneiramente



te pelos doutores Tuffik Mattar e Efrain Olszewer, através dos princípios básicos da quelação. Decorridos doze anos de sua introdução, a terapia ortomolecular, associada aos conceitos de Oxidologia, tem atingido patamares de tão alta expressividade que, na última década, atingiu centros universitários, criando e motivando estudos científicos que determinam a importância dos conceitos ortomoleculares, assim como da correlação entre a produção de radicais livres e destes agindo como causa ou consequência de doenças degenerativas crônicas.

Ferreira e Matsubara (2007) mencionam que a Medicina Ortomolecular se relaciona estritamente ao conceito dos radicais livres, fenômeno que ocorre utilizando o oxigênio como fonte principal para sua formação. Os radicais livres apresentam desvantagens enormes ao organismo quando a sua produção supera a capacidade antioxidante natural do organismo. E nessas condições de adversidade para o corpo humano poderão ocorrer situações patológicas desencadeadoras de situações degenerativas crônicas para



os tecidos corporais.

De acordo com os autores, dentro dos conceitos de terapia ortomolecular, o equilíbrio metabólico é feito pelas correções dos mecanismos moleculares fisiológicos, suprindo-se o organismo com elementos adequados para uma reordenação bioquímica, tendo papel principal as vitaminas, os minerais, os aminoácidos, os ácidos graxos essenciais e, quando necessários, alguns hormônios. Esses mesmos elementos, empregados no tratamento de várias doenças, são considerados medicações ortomoleculares por serem substâncias que participam obrigatoriamente do organismo humano sendo, portanto, oferecidos como matéria prima que o organismo utiliza para suas necessidades básicas.

Segundo a teoria, a Medicina Ortomolecular (MO) se preocupa em corrigir qualquer desequilíbrio na constituição molecular do indivíduo, sobretudo porque a maior parte das patologias vem acompanhada por alterações da composição bioquímica do organismo, significando que uma correção, principalmente nutricional, provocaria um restabelecimento da homeostase (equilíbrio) interna. Por



consequente, a MO é usada tanto para prevenir como para tratar doenças.





Capítulo

6

RADICAIS LIVRES

Segundo Olszewer (2002), radicais livres são moléculas cuja órbita externa não se encontra pareada. Quando uma molécula perde um elétron de sua órbita externa vira um Radical Livre (RL) que possui vida média muito curta, medida em milissegundos, mas que, contudo, se multiplica rapidamente em cascata, seqüestrando os elétrons de outras moléculas.

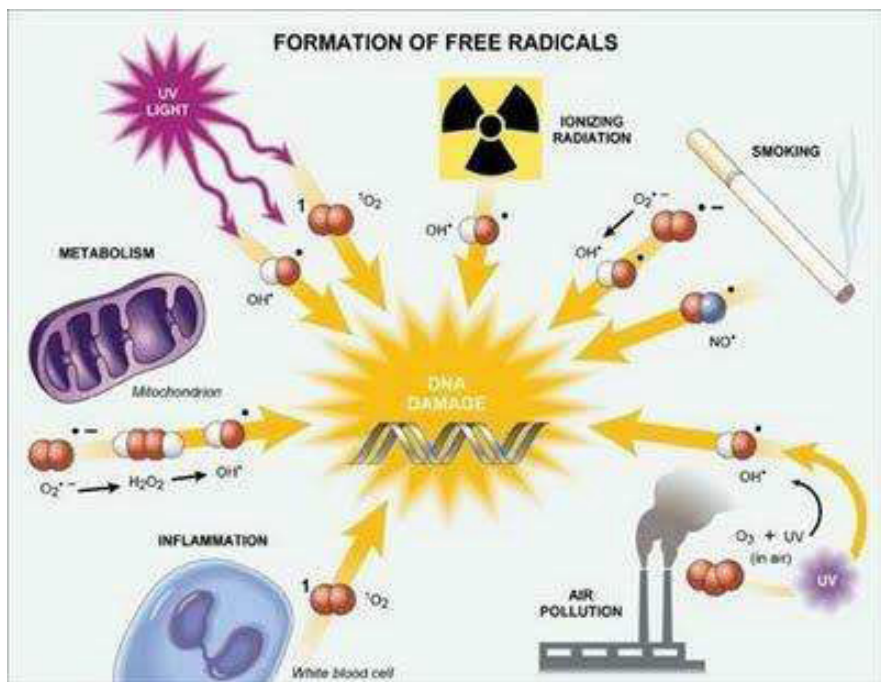


Figura 7. Formação dos Radicais Livres



Na classificação de Halliwell (2004), citado por Bianchi e Antunes (2009), as moléculas orgânicas e inorgânicas e os átomos que contêm um ou mais elétrons não pareados, com existência independente, podem ser radicais livres, e tal configuração faz dos radicais livres moléculas altamente instáveis, com meia-vida curtíssima e quimicamente muito reativas, sendo a presença dos radicais livres crítica para a manutenção de muitas funções fisiológicas normais.



Figura 8. Efeitos positivos e negativos dos radicais livres



Pham-Huy et al. (2008) referem que os radicais livres e os oxidantes desempenham um duplo papel como compostos tóxicos e benéficos, visto que podem ser prejudiciais ou úteis para o corpo. São produzidos a partir de metabolismos celulares normais in situ ou de fontes externas (poluição, fumaça de cigarro, radiação, medicação). Quando uma sobrecarga de radicais livres não pode ser gradualmente destruída, sua acumulação no corpo gera um fenômeno chamado estresse oxidativo.

Este processo desempenha um papel importante no desenvolvimento de doenças crônicas e degenerativas como câncer, distúrbios autoimunes, envelhecimento, catarata, artrite reumatóide, doenças cardiovasculares e neurodegenerativas. O corpo humano tem vários mecanismos para contrariar o estresse oxidativo, produzindo antioxidantes, que são produzidos naturalmente in situ ou fornecidos externamente através de alimentos e/ou suplementos.

Halliwell (2004) citado por Ferreira e Matsubara (2007) refere que o termo radical livre é referente a átomo ou molécula altamente reativo, que contém número ímpar



de elétrons em sua última camada eletrônica. Este não-emparelhamento de elétrons da última camada atribui alta reatividade a esses átomos ou moléculas.

Olszwer (2002) relata que os RL podem ser neutralizados de duas formas, a saber:

1. quando os radicais livres se encontram, e uma molécula cede elétrons (oxida-se) enquanto a outra os aceita (reduz-se), pareando as órbitas externas;
2. quando entra em ação o próprio sistema antioxidante do organismo para inibir a produção de radicais livres, sistema este é constituído por enzimas que têm a capacidade de inibir a produção de RL.

Quando saturado, o sistema deixa com liberdade os RL e para inibi-los é necessária a participação de antioxidantes administrados ou por via oral ou por injeções. Contudo, é importante enfatizar que o oxigênio não é o único sintetizador de RL, não obstante, em razão da sua



importância para manter a vida, seja a fonte de RL mais bem estudada. Entre outros agentes geradores de RL pode-se citar: a luz solar, a poluição ambiental, intoxicação por metais pesados, os agrotóxicos, vários tipos de produtos industrializados etc.

Segundo Ferreira e Matsubara (2007), a geração de radicais livres constitui, por excelência, um processo contínuo e fisiológico, cumprindo funções biológicas relevantes. Durante os processos metabólicos, esses radicais atuam como mediadores para a transferência de elétrons nas várias reações bioquímicas. Sua produção, em proporções adequadas, possibilita a geração de ATP (energia), por meio da cadeia transportadora de elétrons; fertilização do óvulo; ativação de genes; e participação de mecanismos de defesa durante o processo de infecção. Contudo, a produção excessiva pode conduzir a danos oxidativos.

Doenças Mais Comuns Na Presença dos Radicais Livres

Barbosa et al. (2010), ratificam que a geração de



radicais livres desencadeia eventos patológicos que, por sua vez, estão envolvidos nos processos cardiovasculares, carcinogênicos e neurodegenerativos.

Tabela 1. Algumas doenças relacionadas com a geração de radicais livres.

Artrite	Disfunção cerebral
Aterosclerose	Cardiopatias
Diabetes	Enfisema
Catarata	Envelhecimento
Esclerose múltipla	Câncer
Inflamações crônicas	Doenças do sistema imune

Fonte: BIANCHI e ANTUNES, 2009.

Doenças degenerativas crônicas são enfermidades que vão degenerando crônica e irreversivelmente os tecidos, constituindo mais de 90% das patologias que atacam o corpo humano. Sabe-se que os RL estão presentes em todos eles, seja como causa ou como consequência do processo degenerativo. Para Olszewer (2002), podem-se incluir, pri-



meiramente, as doenças que mais levam a óbito, que são as que atacam o coração e os vasos sanguíneos, tomando como inimigo mortal a arteriosclerose, desencadeando doenças como o infarto, derrames e problemas circulatórios, principalmente em membros inferiores.

Um segundo grupo de doenças importantes é o das reumáticas, seja na sua forma inflamatória, como a artrite reumatóide, ou em sua forma degenerativa, como a artrose.

Os RL têm participação direta nessas enfermidades, acelerando a destruição dos tecidos e favorecendo a aceleração do processo lesivo, como é o caso da degeneração da cartilagem nos pacientes com artrose.

Nesse sentido, Olszewer (2002) enfatiza algumas doenças mais relevantes, a saber: Parkinson, demência senil, enfisema pulmonar, diabetes glomerulonefrite, bronquite crônica, envelhecimento patológico, hipertensão, câncer, catarata, degeneração macular etc.

O autor destaca a íntima relação existente entre a síntese dos RL e o processo de envelhecimento, já que à medida que esse fenômeno ocorre, deteriora concomitante-



mente nosso sistema antioxidante de defesa.

Dessa forma, os RL se encontram com maior liberdade para agir, o que pode degenerar ainda mais rapidamente os tecidos e, conseqüentemente, acelerar o processo de envelhecimento.

Efeitos Benéficos dos Radicais Livres

Assim com o existem efeitos maléficos predominantes, há alguns efeitos positivos para o organismo, dependendo de seu nível de concentração.

Entre os efeitos benéficos dos RL, o mais importante é sua ação bactericida, fungicida, virucida, agindo como uma espetacular barreira de defesa do organismo frente à presença de microrganismos. Nesses casos são liberados pelos glóbulos brancos, que são chamados a defender o organismo ante os processos infecciosos.

Os RL também podem ser utilizados terapeuticamente para acelerar a liberação de oxigênio ligado à hemoglobina nos glóbulos vermelhos do sangue para o inte-



rior dos tecidos, favorecendo as atividades metabólicas dos
mesmos.





Capítulo 7

ESTRESSE OXIDATIVO

As espécies reativas de oxigênio (ROS) são produzidas por organismos vivos como resultado do metabolismo celular normal e fatores ambientais, como poluentes do ar ou fumaça de cigarro. ROS são moléculas altamente reativas e podem danificar estruturas celulares como carboidratos, ácidos nucleicos, lipídios e proteínas e alterar suas funções. A mudança no equilíbrio entre oxidantes e antioxidantes em favor dos oxidantes é denominada “estresse oxidativo”. A regulação do estado de redução e oxidação (redox) é fundamental para viabilidade celular, ativação, proliferação e função orgânica.

Os organismos aeróbicos integraram sistemas antioxidantes, que incluem antioxidantes enzimáticos e não-enzimáticos, que geralmente são eficazes para bloquear os efeitos nocivos das ROS. No entanto, segundo Birben et al. (2012), em condições patológicas, os sistemas antioxidantes podem ser sobrecarregados. O estresse oxidativo contribui para muitas condições patológicas e doenças, incluindo câncer, distúrbios neurológicos, aterosclerose, hipertensão, isquemia/perfusão, diabetes, síndrome de dificuldade respi-



ratória aguda, fibrose pulmonar idiopática, doença pulmonar obstrutiva crônica e asma.

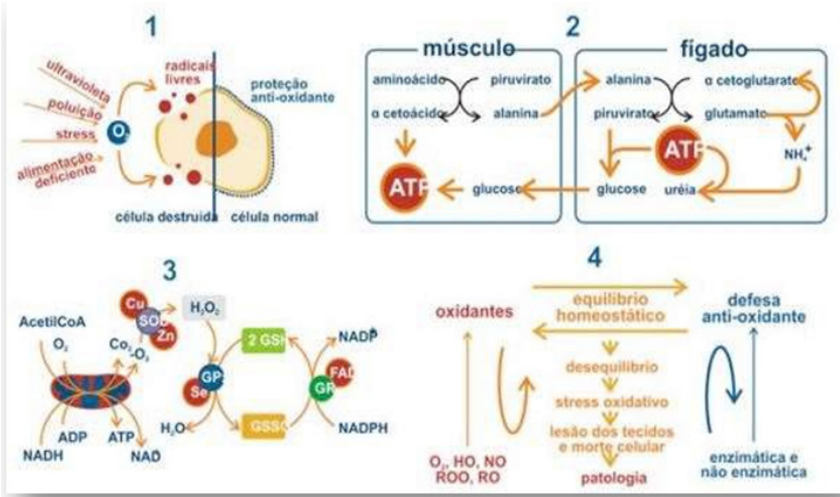


Figura 9. Estresse oxidativo - Bioquímica do envelhecimento - Um indicador da ocorrência de estresse oxidativo é a relação entre a quantidade de GSH e a de GSSH em um meio, pois, em ambientes mais oxidantes devido à ação de radicais livres, a forma GSSH é predominante. Fonte: <<http://envelhecimento97unb.blogspot.com.br/2013/06/estresse-oxidativo.html#!/2013/06/estresse-oxidativo.html>>

Para Reis et al. (2008, p. 1096),

“o estresse oxidativo é um estado de desequilíbrio entre a produção



de espécies reativas de oxigênio (ROS) e a capacidade antioxidante endógena.”

Segundo Halliwell e Whitemann (2004), a instalação do processo de estresse oxidativo é decorrente da existência de um desequilíbrio entre compostos oxidantes e antioxidantes, favorável a geração excessiva de radicais livres ou em detrimento da velocidade de remoção desses. Esse processo conduz à oxidação de biomoléculas com consequente perda de suas funções biológicas e/ou desequilíbrio homeostático, cuja manifestação é o dano oxidativo potencial contra células e tecidos.

De acordo com Castelo-Branco e Torres (2011) vários radicais livres são constantemente formados pelo organismo humano por meio do metabolismo energético e de sistemas de defesa imune, contribuindo de forma positiva para o funcionamento normal do organismo humano. Contudo, a concentração dessas espécies reativas pode exceder a capacidade do organismo de eliminá-las, em razão da



maior produção intracelular e/ou à ineficiência dos mecanismos de proteção antioxidante. O desequilíbrio favorável da formação dos radicais, denominado estresse oxidativo, quando sustentado por período de tempo relativamente prolongado, pode gerar danos oxidativos que culminam com o desenvolvimento de doenças crônicas.

Olszewer (2002) refere que a produção de RL em condições normais encontra-se em equilíbrio com a capacidade antioxidante do organismo de evitar excessos e ocasionais efeitos deletérios sobre os tecidos. Quando esse fenômeno de equilíbrio existe, pode-se considerar uma homeostasia ou um nível de stress oxidativo fisiológico. Quando advém o desequilíbrio entre a síntese dos RL e o sistema antioxidante, os níveis de stress oxidativo se elevam muitas vezes a índices impossíveis para o organismo, designando as condições ideais para que a estrutura dos tecidos seja alterada, provocando situações que vão desde o sofrimento celular até a morte tecidual.





Capítulo



HOMEOPATIA E HOMEOPATIA QUÂNTICA

A homeopatia foi criada pelo médico alemão Samuel Christian Hahnemann (1755-1843). Hahnemann viveu em uma época anterior aos rudimentos da medicina moderna terem sido desenvolvidos, antes da teoria germinativa das doenças infecciosas, do primeiro antibiótico, do teste sistemático de drogas para segurança e eficácia, antes que os procedimentos cirúrgicos fossem realizados com anestesia ou técnica estéril.

A homeopatia (do grego ὁμοιος + πάθος transliterado hómoios + páthos = “semelhante” + “doença”) é uma forma de terapia alternativa. Em 1796, Hahnemann divulgou sua primeira dissertação, “Ensaio sobre um novo princípio para averiguar os poderes curativos das substâncias medicinais”, no reunia seus experimentos e descrevia alguns fatos observados anteriormente por outros autores. Nesse mesmo ano, regressou à profissão médica, tratando seus pacientes pela aplicação de suas novas idéias, sendo, o ano de 1796, conhecido como marco inicial da homeopatia.

Durante muitos anos, a pesquisa de Hahnemann não teve êxito, até que ele se deparou com o que ele pen-



sou ser uma observação incrível: ele tomou uma pequena quantidade de casca de cinchona, que contém quinina, a droga usada para tratar a malária, e conseguiu desenvolver os sintomas da malária. A partir desta observação, foi desenvolvida a primeira lei da homeopatia, *similia similibus curentur* (semelhante pelo semelhante se cura). Em outras palavras, quer dizer, o tratamento ocorre a partir da diluição e dinamização da mesma substância que produz o sintoma num indivíduo saudável, segundo Hahnemann, citado por Bontempo (1992).

Criam-se, por conseguinte, os fundamentos da medicina homeopática, que discordam, em essência, dos conceitos terapêuticos alopáticos da medicina tradicional, ressaltando-se que as concepções hahnemannianas reviveram muito da tradição hipocrática - atenção ao regime alimentar, importância dos fatores climáticos, ecológicos, psicológicos e a existência da energia vital. Muitos foram os seguidores de Hahnemann que, após sua morte, continuaram sua obra. Contudo, os que mais colaboraram para a evolução dos fundamentos da homeopatia foram Hering



e Kent.

Na definição de Fontes et al. (2013), a homeopatia é uma terapêutica que incide na administração de doses mínimas de soluções diluídas e dinamizadas tendo em vista o tratamento e a profilaxia de diversas doenças.

Almeida (2010) refere que a homeopatia distingue os sintomas como uma reação contra a doença, que é uma perturbação da energia vital, provocando a homeopatia o restabelecimento do equilíbrio. Trata-se do segundo sistema médico mais utilizado no mundo. Ernest (2002) relata que pesquisas científicas demonstram que os remédios homeopáticos são ineficazes e seu mecanismo de funcionamento implausível. Outras pesquisas, contudo, tem indicado diferença entre os efeitos de medicamentos homeopáticos e placebo, conforme entendimento de Mollinger et al. (2009).

Lopes (2006) e Tesser (2009) referem que os defensores da homeopatia mencionam regularmente os documentos produzidos pela Organização Mundial de Saúde assegurando que a mesma promove a implantação desta prática em todos os sistemas nacionais de saúde. Contudo, a



OMS condena o uso da homeopatia contra doenças graves como malária, tuberculose, aids, gripe e diarreia infantil.

Na afirmação de Fontes et al. (2013) presentemente, a homeopatia é exercida em vários países do mundo, estando sobretudo bem representada na Alemanha, Argentina, Bélgica, Brasil, França, Índia e Inglaterra. No Brasil, a homeopatia é avaliada como especialidade médica desde 1980, reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina, tendo sido incluída no Sistema Único de Saúde (SUS) desde 2006 (Portaria 971 de 3 de maio de 2006).

Terapêutica Homeopática

Considerando o binômio saúde-doença da concepção homeopática envolver múltiplos aspectos da individualidade humana, segundo Teixeira (2007) o médico homeopata deve receitar o medicamento englobando as características psíquicas, emocionais, gerais e físicas do paciente, abalizadas nos quatro princípios básicos da homeopatia: o “Princípio da Semelhança”; a “Experimentação no



Homem Sadio”; “Doses Mínimas” e “Medicamento Único”.

O princípio da semelhança

Fontes et al. (2013) referem que o termo homeopatia criado por Hahnemann procede, como já referido anteriormente, do grego onde hómios significa “semelhante” e páthos “doente”. Assim sendo, o método terapêutico é fundamentado na lei natural de cura citada por Hipócrates “similia similibus curantur” - quer dizer, o semelhante será curado pelo semelhante. Portanto, qualquer substância que provoque um conjunto de sinais e sintomas em indivíduos sadios, entretanto sensíveis, se prescrita de forma adequada e, especialmente preparada, é capaz de curar um doente que apresente um quadro patológico semelhante, à exceção das lesões irreversíveis.

Princípio da experimentação do homem sadio

Segundo Fontes et al. (2013, p. 83), a experimenta-



ção no homem sadio, “*experientia in homine sano*”, igualmente chamado de experimentação patogênica homeopática ou pura, “é o procedimento de testar substâncias medicinais em indivíduos sadios para elucidar os sintomas que irão refletir sua ação.”

Esta experimentação foi empregada na época por Hahnemann e, atualmente, pode ser entendida como experimentação medicamentosa, e corresponde ao conhecimento da farmacodinâmica homeopática que é representada pelas matérias médicas, que contêm a patogenia dos medicamentos homeopáticos, que são decorrentes de estudos experimentais, dados da toxicologia e observação clínica.

Pustiglione (2001) refere que a patogenia de um medicamento é o conjunto de sinais e sintomas apresentado por um organismo sadio ao experimentar determinada substância, sendo o conjunto destes sintomas catalogados em *Matérias Médicas*. Hahnemann relata no *Organon*, §111, o efeito patogênico das substâncias.



Doses mínimas

Fontes et al. (2013) relatam que no princípio do desenvolvimento da homeopatia, Hahnemann utilizou doses ponderais.

Contudo, ao analisar agravação dos sintomas, realizou uma série de experimentos, com resultados importantes. De início, empregou pequenas doses, diluindo os medicamentos em água ou álcool, no entanto notou que, se os medicamentos não fossem satisfatoriamente fortes para gerar agravação dos sintomas, não seriam capazes de gerar satisfatoriamente a reação orgânica.

A partir daí passou não apenas a diluir os medicamentos, como também a imprimir a estes, agitações violentas, as quais denominou de succussões.

Segundo Kossak-Komanach (2003) Hahnemann observou então que, além da redução da agravação dos sintomas e efeitos tóxicos das altas doses, incidia um aumento da reação orgânica.

Partindo destas experiências, Hahnemann passou



a fazer diluições infinitesimais potencializadas por fortes agitações, denominando tal processo farmacotécnico de dinamização, que obedece a uma progressão geométrica, promovendo a redução da concentração química e o aumento da ação dinâmica do medicamento que é capaz de estimular a reação do organismo em direção à cura, de acordo com Fontes et al. (2003).

Medicamento único

Ainda segundo Fontes et al. (2013), um único medicamento é testado de cada vez no decorrer da experimentação patogenética, conseguindo através desse procedimento as características farmacodinâmicas da substância avaliada.

Por esse motivo, Hahnemann administrava um medicamento por vez, por julgar mais racional e para evitar as interações entre diferentes substâncias.





Capítulo 9

HOMEOPATIA QUÂNTICA

Na época de seu precursor, Hahnemann, a homeopatia era apenas um sistema diagnóstico e terapêutico filosófico-experimental. Atualmente, podemos afirmar que é científico-filosófico-experimental, visto que a física quântica permitiu estruturá-la cientificamente (segundo o conceito positivista), o que era impraticável à época de Hahnemann, pela ausência de conhecimentos e tecnologia. Deste modo, enquanto na alopatia seus fármacos apresentam ação químico-molecular, na homeopatia, seus preparados apresentam ação físico-quântica (TRIPICCHIO, 2008).

A física quântica apresentou uma nova ótica no sentido de como o corpo humano se estrutura e na maneira como ocorrem as doenças. Como uma estação de rádio que emite ondas com frequências específicas (em MHz ou FM) e, portando informações, assim também nossas células vibram em frequências próprias e com informações próprias. A informação e frequência das células são determinadas pelas emoções. A alteração das frequências altera o seu funcionamento, induzindo às doenças. Com a constante atualização em Homeopatia, já se tem tecnologias (com



aparelhos e medicações) capazes de regular as frequências e regularizar as funções celulares (TRIPICCHIO, 2008).

Contudo, de nada vale curar-se uma doença se a informação que a determinou não for igualmente corrigida. Como, através da física quântica, a informação deriva das emoções, a alteração e o reequilíbrio em nosso modo de pensar e sentir, constituindo a principal forma para a conservação da saúde. Por mais valiosa que se considere a medicina convencional, ela igualmente apresenta suas limitações e problemas. Como geralmente se prescrevem drogas convencionais pela capacidade individual de atuar sobre partes características do corpo, tem-se que drogas distintas podem ser prescritas para cuidar, ao mesmo tempo, de inúmeros sintomas. E, naturalmente, segue-se também que podem ser necessárias outras drogas para o controle dos efeitos colaterais de uma ou mais das drogas consumidas (TRIPICCHIO, 2008).

A Homeopatia proporciona uma opção. Ao invés de receitar um remédio para a dor de cabeça, outro para constipação intestinal, outro para sua impaciência e, mais



um para tornar neutros os efeitos de um ou mais dos remédios prescritos, o médico homeopata receita, por vez, um só medicamento, que estimula a capacidade imunológica e defensiva do paciente, o que decorre numa melhora geral em sua saúde. A metodologia através qual o médico homeopata descobre a substância individual adequada, é a própria ciência e arte da homeopatia. A homeopatia muitas vezes complementa a assistência médica ortodoxa, e, em outros momentos, a substitui. Por propiciar um sistema de diagnóstico que analisa o organismo como um todo, e não meramente suas partes, e por se tratar de um sistema terapêutico que opera por meio do estímulo do sistema imunológico e defensivo do paciente, e não apenas por meio do controle ou eliminação de sintomas, a homeopatia, de modo inevitável, torna-se parte complementar da assistência médica em todo o mundo ocidental (TRIPICCHIO, 2008).

A homeopatia apresenta uma filosofia distinta, visto que suas fórmulas não se reservam unicamente a ser antibacterianos ou antiviróticos, mas, sim, a estimular a resistência geral do paciente à infecção. Os medicamen-



tos homeopáticos fortificam o organismo de modo a capacitá-lo a se proteger, sem determinar os efeitos colaterais freqüentemente experimentados com os antibióticos. Esse tratamento propicia uma abordagem mais ecológica da cura da enfermidade infecciosa, visto que auxilia a homeostase natural do corpo sem eliminar as respostas autoprotetoras intrínsecas ao organismo.

A homeopatia tem sido empregada para a cura de uma grande multiplicidade de estados agudos e crônicos e, também, aplicada a vários problemas da ginecologia, obstetrícia, pediatria, tratando de assuntos tais como distúrbios alérgicos, estados crônicos, medicina esportiva, transtornos psiquiátricos e outros, Os resultados positivos apresentados constituem uma forte argumentação favorável de como e por que os medicamentos homeopáticos estão se constituindo no tratamento de escolha por um crescente número de indivíduos e profissionais da saúde (TRIPICCHIO, 2008).

Um dos aspectos mais relevante da homeopatia é que ela, de maneira inevitável, restituirá à medicina o conceito de cura. Os médicos e cientistas atuais falam em tra-



tamento da doença, combate à enfermidade, em extinção os sintomas e controle ou administração de “estados”, descuidando, amiúde, a referência à cura do paciente. Recentemente, têm ocorrido mais referências características, na literatura médica convencional, ao experimento de restaurar a homeostase como meio de restauração da saúde. Essa perspicaz, contudo, importante modificação na linguagem constitui uma modificação mais profunda na abordagem da cura, que está sendo abraçada por um crescente número de médicos (TRIPICCHIO, 2008).

Segundo Eizayaga (1992) fundamenta-se a homeopatia no princípio em que similia similibus curentur (semelhante cura semelhante), quer dizer, uma substância que determina os mesmos sintomas da doença em indivíduos sadios é usada para curar um enfermo com a mesma doença. As manifestações clínicas das enfermidades, físicas, emocionais e/ou mentais, na realidade são decorrentes da luta do organismo versus o gerador da doença (o estímulo morbígeno). Determinados agentes patológicos (bactérias, vírus), p, ex., são termolábeis, quer dizer, sensíveis à eleva-



ção da temperatura.

Um dos mecanismos de defesa do organismo é o aumento da temperatura, como uma obstáculo ao agente agressor (não obstante de, em determinados casos, agravar o quadro infeccioso). Quando ocorre contaminação de algum alimento ou qualquer substância indesejada é ingerida, o organismo pode reagir causando vômito e/ou diarreia, constituindo em esforço para acabar com o que pudesse acarretar dano potencial à sua homeostasia. O organismo apresenta inúmeras formas de defesas e barreiras capazes de anteparar ou pelo menos retardar a penetração dos estímulos morbígenos. A pele, barreira hemato-encefálica, placenta, sistema imunológico e energia vital (ou CEM) são modelos de barreiras e sistemas de defesa (EIZAYAGA, 1992).



Kirlian Photography



Figura 10 - Fotografia Kirlian: fotografia da aura

A fotografia Kirlian, conhecida também como bio-eletrografia ou bioeletrograma é uma técnica de fotografia que desperta curiosidade e aguça a imaginação de muitos até hoje. Trata-se de fotografar a ionização dos gases e vapores que são exalados pelos corpos de todos os seres vivos, sejam eles pessoas, animais, ou plantas, e também de objetos inanimados. Quem oficializou e aperfeiçoou esta técnica foi o engenheiro elétrico Semyon Kirlian e a esposa Valentina Kirlian, em 1939, na Rússia. Tratava-se de colo-



car o elemento a ser fotografado sobre uma placa fotográfica conectada a uma certa voltagem e a imagem dos gases e vapores eram, imediatamente, projetada na placa.

A fotografia Kirlian já foi alvo, inclusive, de discussões religiosas porque muitos acreditavam que a imagem retratada poderia ser a imagem da aura das pessoas. A técnica fotográfica foi muito utilizada, inclusive, como método de diagnóstico de doenças psíquicas através dos desenhos formados pelos gases emitidos pelos corpos.

A “aura” retratada em volta do corpo fotografado representa o movimento das células que fazem parte da construção e desconstrução dos corpos. Esse efeito é conhecido como “corona” porque parece com uma coroa ao redor dos corpos. A corona pode ser vista em seres vivos (plantas e animais) e itens de metal.

Segundo Asghari et al. (2016) fatores ambientais, como ondas eletromagnéticas, induzem efeitos biológicos e genéticos. As pessoas no mundo moderno frequentemente estão expostas a campos eletromagnéticos (CEMs). A exposição humana aos CEM vem de muitas fontes, e as situa-



ções são diferentes na vida cotidiana das pessoas. Os CEMs emanam de linhas de energia, dispositivos de computador, televisores, rádios e telefones. Existem muitos fatores que influenciam o grau em que as pessoas podem ser afetadas por CEMs. Por exemplo, o peso corporal, o índice de massa corporal, a densidade óssea e os níveis de água e eletrólitos podem alterar a condutividade e a reatividade biológica para CEMs.

Hoje em dia já se encontra completamente aceita a presença do CEM (aura, energia vital) e as referidas emanações, ao sofrerem distúrbios, podem intervir nos estados físico, emocional e mental. Por meio da fotografia Kirlian, ou fotografia de aura, pode-se visualizar o CEM, que é reproduzido através de cores, onde cada frequência é diferenciada por algumas colorações (EIZAYAGA, 1992).

O CEM constitui a defesa mais periférica do organismo e a primeira a ser alcançada. Quando um estímulo morbígeno faz contacto com o indivíduo, seu CEM é alterado, ajustando-se na tentativa de paralisar a ação deste estímulo. Contudo, se o indivíduo apresentar predisposição,



quer dizer, seja suscetível à ação do estímulo, esta barreira pode não agüentar e, dessa forma, podem incidir mudanças em um ou mais níveis (físico, emocional e mental), dependendo da magnitude do agressor e da resistência (equilíbrio) do CEM. Estas alterações constituem sinais do quanto o CEM se encontra alterado. Ao ser restabelecida a harmonia deste campo, cessa a atuação do estímulo morbígeno. Deste modo, a cura é obtida e, além de tudo, a suscetibilidade a um novo cometimento do estímulo diminui através do fortalecimento do CEM (EIZAYAGA, 1992).

Presentemente propõe-se que a medicação homeopática estimule o organismo à cura, restaurando a energia do campo eletromagnético (CEM), genericamente denominado no estudo homeopático de Energia Vital, que envolve cada indivíduo e se encontra alterado através do estímulo morbígeno, evitando que o mesmo atue no organismo. O medicamento empregado deve apresentar energia similar à qual foi afetada pelo estímulo morbígeno, contudo em uma intensidade maior, a fim de que o campo eletromagnético retorne ao estado original de equilíbrio (EIZAYAGA, 1992).



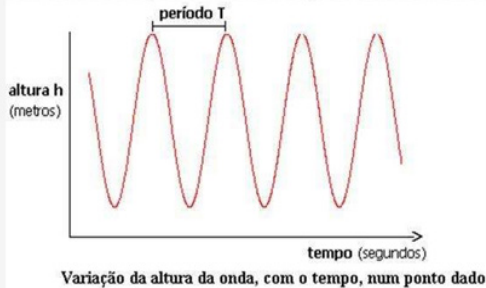
Para uma melhor compreensão acerca da forma de ação dos medicamentos homeopáticos, é fundamental o conhecimento da maneira como são preparados. Os princípios básicos desta técnica são as diluições seguidas de dinamizações (SILVA, 2007).

Partindo-se de substâncias ativas ou não dos reinos animal, vegetal ou mineral, os medicamentos podem ser preparados pela escala decimal (D ou X), na qual uma parte da substância básica (soluto) é dissolvida com nove partes do veículo (solvente), e pela escala centesimal (C ou CH), na qual uma parte da substância básica é dissolvida com 99 partes do veículo. Quando as substâncias são solúveis no veículo, que é uma mistura de água e álcool (normalmente álcool 70%), todo o procedimento é realizado em meio líquido. Contudo, quando a substância é insolúvel neste solvente, deve-se esfarelá-la, diluindo-a com lactose até se tornar solúvel, para então ser trabalhada em meio líquido (SILVA, 2007).



Campo eletromagnético

- Campos elétricos e magnéticos variáveis no tempo são indissociáveis e constituem em conjunto os chamados campos eletromagnéticos (CEM).
- CEM propagam-se no espaço sob a forma de ondas.
- Ondas podem transportar energia através do espaço.



Quadro 1 – Campo Eletromagnético (CEM)

Essencialmente as duas escalas são idênticas, sendo apenas distinguidas pelo grau de diluição. Exemplificando, na escala centesimal, em seguida a diluição, bate-se o frasco cem vezes contra um anteparo, conseguindo a primeira centesimal ou 1C ou C1. Acrescenta-se a uma parte desta solução 99 partes da mistura água- álcool e no-



vamente procede-se as cem succussões, obtendo-se a 2C. O processo continua até a potência almejada. O medicamento vai adquirindo cada vez maior potência, possivelmente em razão das succussões, à medida que as diluições consecutivas ocorrem e, por conseguinte, a quantidade de matéria, concernente a substância básica, vai sendo reduzida. Quando o medicamento atinge a potência 12C (C12) ou 30D a perspectiva estatística de que alguma molécula do(s) princípio(s) ativo(s) da substância básica seja encontrada, é desprezível, e o que efetivamente age nestes medicamentos é apenas a energia que foi potencializada, fato comprovado o pelo Número (ou constante) de Avogrado (SILVA, 2007).

Todas as substâncias (animal, vegetal e mineral) apresentam um campo eletromagnético específico. A dinamização faz com que incida uma elevação da energia destes campos fazendo com que as medicações homeopáticas se tornem mais influentes no CEM do organismo.

O campo eletromagnético que cada substância possui pode interatuar com uma parte similar do campo do indivíduo. Para melhor visualização este efeito, pode-se



imaginar o toque de um violino, emitindo ondas sonoras (energia) e, quando tocado numa frequência de oscilação semelhante a das moléculas de um copo de cristal, este se quebra, visto que as ondas emitidas pelo instrumento fazem com que o copo de cristal entre em ressonância, vibrando. Por ser o cristal um corpo rígido e quebradiço, não tolera este movimento vibracional que suas moléculas adquiriram (SILVA, 2007).

A energia cinética provida aos medicamentos homeopáticos por meio das sucussões pode amplificar o campo eletromagnético dos mesmos. Ao se administrar uma medicação com energia superior e similar em frequência a do CEM do indivíduo, que então já se encontrava alterada, estas frequências entrarão em ressonância com as da medicação e, assim, voltarão à frequência correta. Atualmente já existem indicativos de que quando se dinamiza a medicação homeopática, cada substância básica de origem produzirá um determinado tipo de alteração nas ligações, anteriormente denominada ponte de hidrogênio e, hoje em dia, de ligação hidrogênio, entre o veículo água-álcool ou a



lactose, caso a substância seja insolúvel (SILVA, 2007).

Tais ligações de hidrogênio constituem forças intermoleculares relativamente fortes, sobretudo pela grande quantidade existente, determinadas pela atração que o oxigênio desempenha sobre o hidrogênio, fazendo com que uma molécula de água ou álcool se unam através destes dois elementos químicos. Ainda que excedendo a potência 12C (C12), quando praticamente não se encontra substância original, tais alterações vão se tornando cada vez mais intensas. Estas variações podem sobrevir pela redução no tamanho da ligação, modificação da angulação, na atração, no número e no agrupamento das moléculas, segundo Torres (2008), havendo probabilidade de uma grande multiplicidade de alterações nestas ligações, cada qual gerando uma energia amplificada da substância de origem (HAHNEMANN, 1992).

Contudo, na época do advento da homeopatia até os dias atuais, os métodos empregados para a verificação das alterações do campo eletromagnético são os sinais que este deixa transparecer pelas mudanças físicas, emocionais



e mentais da pessoa. Torna-se bastante difícil encontrar a medicação ideal, quer dizer, aquele que realmente apresente semelhança ao desequilíbrio motivado pela patologia. Ainda assim, os resultados obtidos são excelentes. O médico homeopata avalia o paciente no concernente às alterações observadas nos três níveis (físico, emocional e mental) e elege um medicamento que foi capaz de produzir, em testes com indivíduos saudáveis, o maior número de anormalidades similares àsquelas sofridas pelo paciente, segundo Hahnemann (1992).

Portanto procede que sendo este último fator discutível, que advenha certo agravamento dos sintomas ao se iniciar o tratamento, visto que se está administrando um medicamento análogo ao quadro sintomatológico observado, que agiria como um reforço ao campo eletromagnético em sua ação versus o estímulo morbígeno. Através deste método, o homeopata elege o medicamento que apresenta energia equivalente à que a enfermidade alterou no campo eletromagnético do indivíduo, podendo-se notar com isto que raramente dois indivíduos portadores da mesma enfer-



midade tomarão o mesmo medicamento, visto que se deve atentar, igualmente, para as modificações mentais e emocionais. Somente a visão do quadro clínico não leva à cura e, sim, a um resultado paliativo, porquanto a totalidade das alterações não foi avaliada, de acordo com Tyler (2005).

Em homeopatia, o indivíduo é visto como um todo constituído de corpo, cognição e emoções, tudo isso interligado pelo campo eletromagnético. Para se obter a cura total requer-se o restabelecimento do equilíbrio nos três níveis. Um exemplo desta interrelação de níveis é o medo (emocional), podendo acarretar problemas gastrointestinais, sudorese e elevação do número de batimentos cardíacos devido, sobretudo, a distúrbios na homeostase do sistema nervoso autônomo (simpático e parassimpático).

Um problema no nível espiritual atinge muito mais a vida da pessoa do que no emocional e, este, mais do que o físico, conforme a seriedade de cada um. À medida que a enfermidade progride, passa normalmente do nível físico para emocional e mental, sendo o processo de cura oposto ao centro de gravidade, deslocando-se do mental para o



emocional e, enfim, para o físico.

Em conformidade com este raciocínio, a maior parte dos tratamentos da medicina tradicional são supressores, não consentindo ao organismo uma reação e futura eliminação do estímulo morbígeno, acarretando problemas maiores pelo agravamento da enfermidade, ou seja, pode haver um deslocamento do “centro de gravidade” da doença para um nível mais interno e ameaçador. Um exemplo muito frequente é a supressão de um eczema, onde posteriormente se desenvolve uma rinite alérgica que é igualmente suprimida através drogas, podendo decorrer em bronquite asmática. Os efeitos adversos das medicações alopáticas são as reações do organismo em resposta à agressão ocasionada no CEM pelos mesmos, além das confirmadas reações quimio-farmacológicas dos referidos agentes.

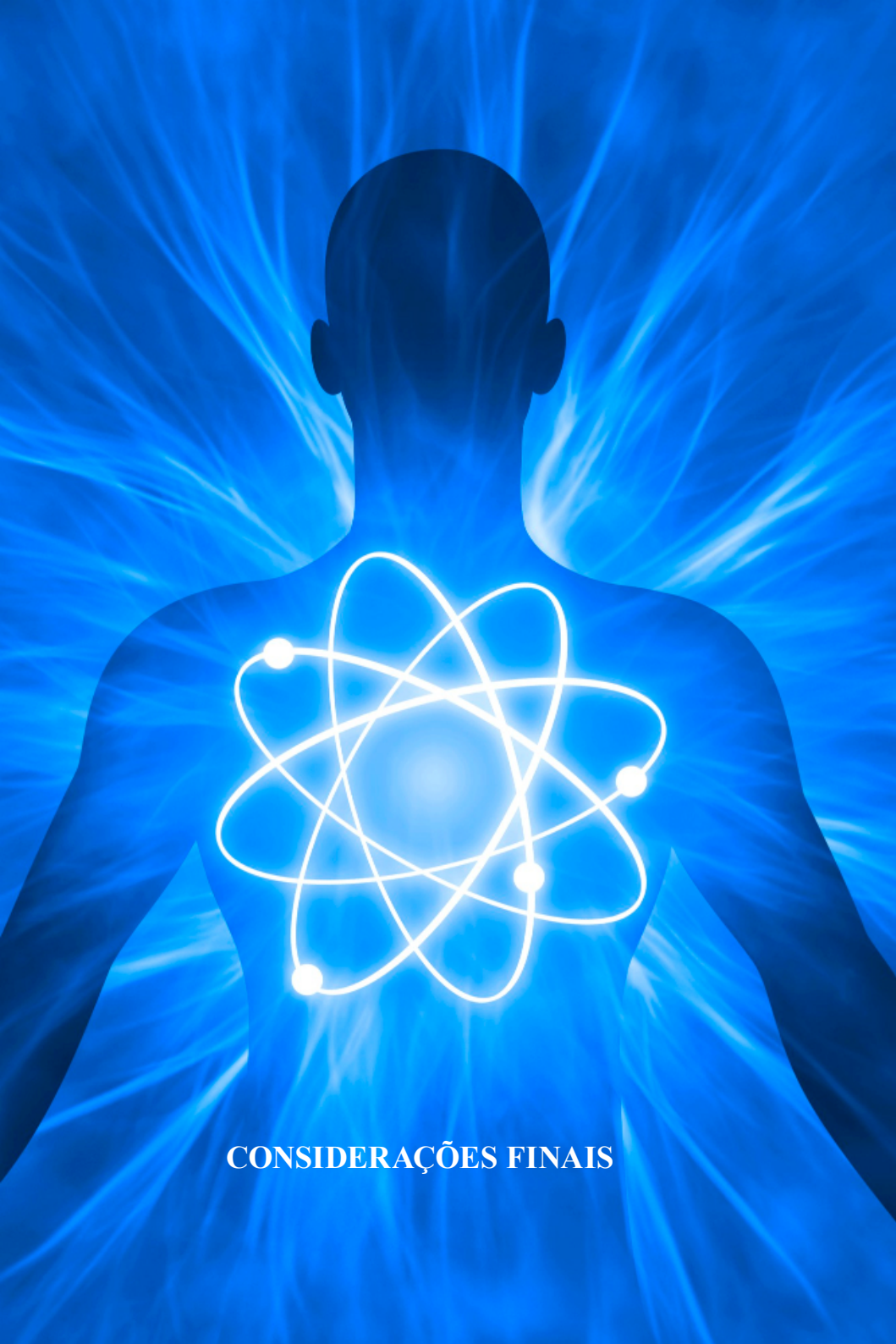
Segundo a Física Quântica, a ação preconizada pela homeopatia no referente ao *simila similibus curantur* se deve à capacidade que têm as diluições dinamizadas do tipo 30CH de estimular reflexos tróficos expulsivos nas células do organismo, fazendo com que haja um aumento



dinâmico na função mecânica do aparelho de Golgi (também denominado Complexo Golgiense). Este, estimulado de forma intensa, conduz para fora da célula o elemento ou substância indesejável em quantidade significativa. Junto com tais elementos são expulsos, eventualmente, elementos nutricionais em quantidades mínimas.

A expulsão de dentro da célula do material indesejável será tanto maior quanto melhor for a sintonia entre estímulo e a membrana celular. Este deverá ser extremamente qualitativo, isto é, o estímulo sublingual (30CH) deverá fornecer a frequência exata do elemento que deve ser eliminado. A Homeopatia é uma metodologia terapêutica, atualmente incorporada ao rol das especialidades médicas convencionais, não obstante suas “evidências científicas” não pertençam ao conceito convencional de conhecimentos acadêmicos. Seus adeptos lutaram por seu reconhecimento oficial por quase trezentos anos, obtendo-o por força de evidências clínicas de sua atuação sem explicações plausíveis.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recentemente, na área da medicina alternativa, notou-se a emergência de métodos associados à medicina quântica, juntamente com uma expansão nas práticas homeopáticas. Esses avanços configuram novos paradigmas de cura que realçam a importância de abordagens holísticas e causais, visando um tratamento profundo, a correção e a reconstituição da capacidade de autocura.

A ciência contemporânea revela que o universo se apresenta como um domínio muito mais enigmático e fascinante do que se poderia prever, evidenciando que, enquanto observadores, participamos e influenciamos ativamente essa realidade. Este novo século oferece à humanidade uma jornada de descobrimento sem precedentes, na qual a Saúde Quântica emerge como um campo que promove uma compreensão mais abrangente do ser humano, integrando técnicas já consolidadas e explorando novas possibilidades terapêuticas. Tal abordagem abarca também a interação com o ambiente circundante, incluindo a relação com o meio ambiente e as diversas formas de energia, tanto palpáveis quanto sutis.



Portanto, é possível afirmar que a Saúde Quântica realiza a integração entre a medicina alternativa e a convencional, delineando de maneira precisa seus papéis dentro de um paradigma de saúde integrada. O desenvolvimento da Medicina Quântica é fundamentado em uma nova concepção sobre o ser humano, percebido como um ente cuja existência se dá em diversas formas energéticas. Assentada nos princípios da Física Quântica, essa vertente médica aborda as enfermidades sob a perspectiva da biofísica, ampliando o espectro analítico para além da bioquímica tradicional. Introduce conceitos revolucionários sobre a vida e sua manutenção, associando as doenças a bases arquetípicas e genéticas.

A Medicina Quântica, por meio de um sistema terapêutico que absorve quantos de energia, visa restaurar os níveis energéticos ótimos dos processos biológicos, facilitando assim a realização de suas funções vitais e promovendo um ambiente propício à recuperação da saúde. Esta abordagem restaura a ordem no funcionamento celular e molecular, otimizando a memória celular para um desempenho



harmonioso e eficiente. Diferencia-se por sua capacidade de atuar de maneira holística no organismo, permitindo, contudo, uma intervenção focalizada por meio de dispositivos específicos em áreas que demandam atenção especial, sem provocar agressões ou traumas, proporcionando ao paciente uma experiência de bem-estar geral devido ao seu efeito relaxante e harmonizador.

Vale ressaltar que a abordagem terapêutica da Medicina Quântica não é agressiva nem traumática, uma vez que o paciente apenas repousa em uma cama, experimentando uma sensação generalizada de bem-estar devido ao efeito relaxante e harmonizador do tratamento.

O conceito de “frequência” é utilizado para descrever a taxa de vibração de todas as coisas, fundamentando-se no princípio de que toda matéria é energia em diferentes estados de vibração, mensuráveis em Hertz (Hz). Esta noção, explorada há mais de um século, pavimentou o caminho para a Medicina Quântica Integral (MQI), que oferece soluções terapêuticas definitivas para diversas patologias sem provocar desequilíbrios em outras áreas do organismo, superando



assim limitações frequentemente observadas na prática clínica tradicional. Atualmente, muitos profissionais da saúde dedicam-se exclusivamente a essa abordagem, empregando-a como tratamento principal ou em complementaridade com práticas como a homeopatia e a acupuntura, que, embora atuem como terapias auxiliares, potencializam a eficácia da MQI.

A Medicina Quântica Integral (MQI) baseia-se na teoria quântica ou mecânica quântica. Ela emprega métodos próprios de prospecção, diagnóstico e terapia, embora também possa se beneficiar dos métodos tradicionais como complementares. Ao nos voltarmos para a medicina quântica, percebemos que os seres humanos são mais do que apenas corpos físicos. Somos um sistema integrado de energia vital, onde reside nossa essência, nossa alma que impulsiona a vida.

Para aqueles que se perguntam o que é a medicina quântica, pode-se dizer que ela utiliza um sistema terapêutico baseado na recepção de quanta de energia. Com isso, os processos biológicos buscam recuperar seus níveis de



energia normais, criando condições favoráveis para a recuperação da saúde, reestabelecendo uma certa ordem para que células e moléculas otimizem sua memória para um funcionamento ordenado e eficiente.

A Medicina Ortomolecular, estritamente relacionada ao manejo dos radicais livres e à prevenção de distúrbios moleculares, enfatiza a importância da interação entre diversos elementos nutricionais no combate a alterações genéticas predisponentes a doenças, visando otimizar a função cerebral e promover um equilíbrio sistêmico. Por outro lado, a homeopatia, caracterizada pela administração de substâncias em doses mínimas, objetiva a reequilibração da energia vital do indivíduo, destacando-se como o segundo sistema médico mais empregado globalmente. A Medicina Quântica, assim, não apenas incorpora a interação com o meio e diversas formas de energia, mas também propõe uma síntese entre as práticas de medicina alternativa e convencional, definindo claramente seu papel no contexto de um paradigma de saúde integrativa.

A homeopatia, termo de origem grega que signifi-



ca “semelhante à doença”, entende a causa da doença como um desequilíbrio energético no organismo. O tratamento homeopático envolve a administração de doses mínimas de soluções diluídas e dinamizadas para tratar e prevenir diversas enfermidades tendo em vista o tratamento e a profilaxia de várias enfermidades, distinguindo os sintomas como uma reação contra a doença, que é uma perturbação da energia vital, provocando a homeopatia o restabelecimento do equilíbrio, constituindo o segundo sistema médico mais utilizado no mundo. Os medicamentos utilizados em homeopatia têm origem nos diversos reinos da natureza, assim como nos produtos químico-farmacêuticos, substâncias e/ou materiais biológicos, patológicos ou não, além de outros agentes de natureza diversa. Considerado o segundo sistema médico mais utilizado no mundo, este método busca restabelecer o equilíbrio ao tratar sintomas como uma reação contra a doença, que é vista como uma perturbação da energia vital.

Em síntese, a Medicina Quântica é uma abordagem que conjuga efeitos terapêuticos de diferentes campos



eletromagnéticos para transmutar células de um estado patológico para um estado de saúde e estabilidade. Portanto, antever o futuro da medicina implica reconhecer a importância crescente de práticas como a homeopatia dentro deste paradigma emergente, marcando um passo significativo na convergência entre o futuro e o presente da medicina integrativa.

No âmbito médico, um paradigma integrativo é necessário para dar sentido a todos os diferentes modelos de cura. As deficiências da medicina convencional são há muito tempo evidentes. Seus procedimentos são excessivamente invasivos e produzem efeitos colaterais prejudiciais. Além disso, a medicina convencional não possui um modelo eficaz de tratamento para doenças crônicas e degenerativas. Por fim, mas não menos importante, os custos da medicina convencional são altos.

Originária do termo Quantum, que significa unidade, a Medicina Quântica atua sobre corpo e mente, devolvendo algo extremamente valioso: saúde e bem-estar. Além disso, essa abordagem contribui para a liberdade e



autonomia do indivíduo, minimizando a dependência de medicamentos e respeitando as limitações de cada paciente. A Medicina Quântica se fundamenta em uma nova concepção do ser humano, onde tudo é interpretado como energia manifestada de diversas formas.

Com diversas interpretações e implicações filosóficas, a Medicina Quântica é uma teoria que questiona conceitos intuitivos como a independência entre sujeito e objeto, localidade e realismo. Terapias alternativas também questionam esses mesmos conceitos. Muitos defensores dessas terapias acreditam que a Medicina Quântica poderia oferecer uma base teórica que justificasse suas alegações de maneira científica.

Por fim, é relevante mencionar que a Medicina Quântica Integral (MQI) opera em níveis subatômicos, onde se encontram partículas chamadas quanta de luz, responsáveis por conduzir a energia através dos meridianos do corpo. A MQI incorpora alguns princípios da homeopatia, já que pode explicar cientificamente seu mecanismo de ação.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, U.C. et al. Homeopathic treatment of depression: series of case report. *Rev. Psiquiatr Clin.* 2008; 35 (2):74-78.

ALMEIDA, C. Homeopatia, uma terapia sem efeitos colaterais. Associação Médica Homeopática Brasileira (AMHB), 2010.

BARBOSA, K.B.F. et al. Oxidative stress: concept, implications, and modulating factors. *Rev. Nutr.* 2010; 23(4):629-643.

BIANCHI, M.L.P.; ANTUNES, L.M.G. Free radicals and the main dietary antioxidants. *Rev. Nutr.* 2009; 12(2): 123-130.

BONTEMPO, M. Medicina natural: homeopatia e radiestesia. Nova Cultural, 1992.

CAPRA, F. O ponto de mutação. A ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo, Cultrix, 1982.

CARILLO, R.J. Homeopatia: medicina interna e terapêutica. São Paulo: Livraria Santos Editora, 2001.

CASTELO-BRANCO, V.N.; TORRES, A.G. Total antioxidant capacity of edible vegetable oils: chemical deter-



minants and associations with oil quality. *Rev. Nutr.* 2011; 24(1):173-187.

CHOPRA, D. A cura quântica: o poder da mente e da consciência na busca da saúde integral. 15 ed. São Paulo: Editora BestSeller, 2009.

EIZAYAGA, F.X. Tratado de medicina homeopática. 3 ed. Buenos Aires: Ed. Marecel, 1992.

ERNST, E. A systematic review of systematic reviews of homeopathy. *British Journal of Clinical Pharmacology.* 2002; 54 (6): 577-82.

FERREIRA, A.L.A.; MATSUBARA, L.S. Radicais livres: conceitos, doenças relacionadas, sistema de defesa e estresse oxidativo. *Rev. Assoc. Med. Bras.* 2007; 43(1): 61-8.

FONTES, O.L. et al. Farmácia Homeopática. Teoria e Prática. 4 ed. São Paulo: Manole. 2013.

GOSWAMI, A. O médico quântico: orientações de um físico para a saúde e a cura. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

GOSWAMI, A. O ativista quântico: princípios da física quântica para mudar o mundo e a nós mesmos. Tradução Marcello Borges. São Paulo: Editora Aleph, 2010.



GOSWAMI, A. O médico quântico: orientações de um físico para a saúde e a cura. São Paulo: Cultrix, 2006.

HALLIWELL, B.; WHITEMAN, M. Measuring reactive species and oxidative damage in vivo and in cell culture: how should you do it and what do the results mean? Br J Pharmacol. 2004; 142(2): 231-55.

JANSON, M. Orthomolecular medicine: the therapeutic use of dietary supplements

KOSSAK-ROMANACH, A. Homeopatia em 1000 conceitos. 3 ed. São Paulo: Elcid Editorial, 2003.

KURTZWEIL, R.; GROSSMAN, T. A medicina da imortalidade. 2 ed. São Paulo: Aleph Editora, 2007.

LEMOS, Artur Henrique. Prevenção e controle de doenças pela medicina natural e ortomolecular. 2 ed. Rio de Janeiro: Gamboa Ltda, 2006.

LIMA, W. Saúde quântica: uma nova cultura em saúde. Disponível em <http://www.simposiosaudequantica.com.br/saudequantum/page/index.php?not_id=256>

LOPES, A. C. Diagnóstico e tratamento. Barueri: Manole, 2006.



MATTOS, V.J.F. Medicina quântica. São Paulo: Edição Didática Ltda, 2007.

MÖLLINGER, H. et al. Homeopathic pathogenetic trials produce specific symptoms different from placebo. *Forsch Komplementmedizin*. 2009;16(2):105-10.

OLSZEWER, E. Tratado de medicina ortomolecular e bioquímica médica. 3 ed. São Paulo: Ícone, 2002.

OLSZEWER, E. Clínica ortomolecular. 2 ed. São Paulo: Roca, 2008. OLSZEWER, E. et al. Visão da prática ortomolecular na obesidade. São Paulo:

PENHA, R.M.; SILVA, M.J.P. Do sensível ao inteligível: novos rumos comunicacionais em saúde por meio do estudo da teoria quântica. *Rev Esc Enferm USP*. 2009; 43(1):208-14.

PUSTIGLIONE, M. O Moderno Organon da Arte de Curar de Samuel Hahemann.

RIBEIRO, L. DVD de Introdução à Medicina Quântica. Palestra proferida pelo Dr. Lair Ribeiro. 2014

SILVA, J.B. Farmacotécnica homeopática simplificada. Rio de Janeiro: Imprinta, 2007.



TEIXEIRA, M.Z. Homeopatia: prática médica coadjuvante. Revista da Associação Médica Brasileira. 2007; 53(4): 374-6.

TESSER, C.D. Homeopatia, universidade e SUS: resistências e aproximações. Interface. 2009; 13(31):273-8

TRIPICCHIO, A. Homeopatia quântica – Parte 1. Disponível em <<http://www.redepsi.com.br/2008/07/04/homeopatia-qu-ntica-parte-i/>>

TYLER, M.C. Curso de homeopatia. Rio de Janeiro: Ed. Homeopática Brasileira, 2005. VEDRAL, V. A vida em mundo quântico. Scientific American Brasil. 2011; 10-110.

XAVIER, E.P.S. Quantic health: the quantic theory of relationship with the health. Revista Saúde Quântica. 2012. 1(1):11-14.

ZEE, A. Quantum Field Theory in a Nutshell. 2nd ed. Princeton University Press, 2010.



Da autora



Dra Zaika Capita

Doutora em Naturopatia - Ph.D. degree in Naturopathy
Emphasis on Trophotherapy and Phytotherapy - Saint
Thomas Aquinas University - FL - USA



Neurocientista - MD- Neurociência / Neuromanagement
e Gestão de Talentos - UNIVERSIDADE ISEP (RVOE
20221432) pela SEP México.BRASIL

Liderando a Transformação Digital na Área da Saúde de
Harvard. Pós Graduação - HARVARD MEDICAL SCHOOL
Executive Education - EUA

Biomedicina Graduação - BACHARELADO Brasil

PHD - PSYCHOLOGIE DE LA SANTÉ, NIVEAU
DOCTORAT, UNIVERSITÉ LIBRE DES SCIENCES
DE L'HOMME DE PARIS — U. L. S. H. P. França

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ADEQUAÇÃO
NUTRICIONAL E MANUTENÇÃO DA HOMEOSTASE
- PREVENÇÃO E TRATAMENTO DE DOENÇAS
RELACIONADAS À IDADE- UNIDADE DE
ENSINO SUPERIOR INGÁ / UNINGÁ – CENTRO
UNIVERSITÁRIO INGÁ - BRASIL



Pós Graduação - Neurociência & Biologia Neuronal -
Especialista Expert. - EUA

Diploma de Especialista - Expert - Psicologia Musicoterapia
EUA - Bircham International University

Pós Graduação em Naturopatia - Ênfase em Trefoterapia e
Fitoterapia - FACULDADE UNIRIO- Brasil.

Pós Graduação Neurociência- Faveni Brasil

SOCIEDADE MÉDICA PARA INFORMAÇÕES
BIOFÍSICAS E TERAPIA DA ALEMANHA

Expert Pesquisadora em frequência de ondas - Biofísica,
Especialização Bíofica:

- Universo elétrico,
- Medicina e consciência
- Bipolaridade e Reciprocidade



- Leis do metabolismo celular
- O universo de 12 dimensões
- Informação e emoção
- Medicina de Suporte à Vida MSV/ LK_m
- Formação de bioplasma
- Ressonância e transcendência
- Máquinas e aparelhos biofísicos
- Estimulação do nervo vago e insula

Pós Graduação em Biofísica pela Sociedade Médica
Internacional de Terapia de Informação Biofísica TIB -
Germany / Deutschland

www.drazaikacapita.com.br



Índice Remissivo



C

Corpo

página 30

página 53

página 96

página 101

F

Física

página 54

página 59

página 65

página 66



H

Homeopatia

página 31

página 72

página 91

página 113

M

Medicamentos

página 22

página 128

página 131

página 134

Medicina Quântica

página 71

página 83

página 87

página 139



Este trabalho escrito pela pesquisadora apresenta um estudo aprofundado sobre a medicina quântica e suas aplicações, possibilitando assim, uma clareza acerca da contribuição que essa medicina pode trazer para a saúde de todos.



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA